



UnB

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE UNB PLANALTINA
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO**

MAYRLA MAYRA DA SILVA

**CONTRIBUIÇÕES DA ESTÉTICA DO OPRIMIDO PARA O LETRAMENTO
RACIAL NA EDUCAÇÃO: Uma Experiência Docente Junto à Cia do Imaginário**

Planaltina - DF
2023

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE UNB PLANALTINA
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO**

MAYRLA MAYRA DA SILVA

**CONTRIBUIÇÕES DA ESTÉTICA DO OPRIMIDO PARA O LETRAMENTO
RACIAL NA EDUCAÇÃO: Uma Experiência Docente Junto à Cia do Imaginário**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Educação do Campo - LEdoC, da Universidade de Brasília, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em Educação do Campo, com habilitação na área de Linguagens.

Orientadora: MSc. Adriana Gomes Silva

Planaltina - DF
2023

Ficha catalográfica elaborada automaticamente,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

MD111c Mayra Da Silva, Mayrla
CONTRIBUIÇÕES DA ESTÉTICA DO OPRIMIDO PARA O LETRAMENTO
RACIAL NA EDUCAÇÃO: Uma Experiência Docente Junto à Cia do
Imaginário / Mayrla Mayra Da Silva; orientador Adriana
Gomes Silva. -- Brasília, 2023.
80 p.

Monografia (Graduação - Licenciatura em Educação do
Campo) -- Universidade de Brasília, 2023.

1. Educação Antirracista. 2. Arte Educação. 3. Letramento
Racial . I. Gomes Silva, Adriana, orient. II. Título.

MAYRLA MAYRA DA SILVA

**CONTRIBUIÇÕES DA ESTÉTICA DO OPRIMIDO PARA O LETRAMENTO
RACIAL NA EDUCAÇÃO: Uma Experiência Docente Junto à Cia do Imaginário**

Este Trabalho Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do Título de
Licenciatura em Educação do Campo - Linguagens

Planaltina, 15 de Dezembro de 2023.

BANCA EXAMINADORA:

MSc. Adriana Gomes Silva (FUP/UnB)

Orientadora

MSc. Wellington Oliveira – Secretaria de Educação do Distrito Federal

Examinador externo

Dr. Rafael Villas Boas (FUP/UnB) – Universidade de Brasília

Examinador interno

Dedico este trabalho à todas as meninas negras, meninos negres e meninos negros que já foram convidados por profissionais de educação a “arrumar” o cabelo black para ir à escola e, ou, que já foram constrangidos na aula de História ao terem sido inferiorizados por serem pessoas negras descendentes dos povos africanos que passaram pela diáspora e foram escravizados aqui no Brasil.

Dedico a nós, educadoras e educadores negras, negres e negros, que tem agora uma oportunidade de reviver e modificar uma situação de racismo na escola.

Dedico este trabalho também ao meu filho, Bernardo da Silva, uma criança negra que terá todo o aparato familiar e torcida para que tenha em sua trajetória educacional professoras e professores letrados racialmente, possibilitando-o experiências positivas em sua jornada escolar.

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar aos meus pais por terem sido uma rede de apoio e aportes durante todo o processo. Agradeço aos meus professores da vida que formaram minha consciência e letramentos para analisar meus temas. E aos professores da Licenciatura em Educação do Campo da Faculdade UnB Planaltina que me receberam, orientaram e formaram minha consciência ledoquiana para lutar por construir caminhos mais justos e humanos para a Educação Brasileira.

[...] O que é que a Baiana tem?

Tem raiva!

O que é que ela não tem?

Saúde, cultura, lazer, escola de qualidade,
escolaridade.

Sonho longe da realidade.

Educação pras pretas e enxada, vassoura e
marginalidade.

E se você está achando pesado fala isso pra
minha comunidade que passa fome. [...]

Baiana, Mayrla Silva

"Tem que acreditar.

Desde cedo a mãe da gente fala assim:

'filho, por você ser preto, você tem que ser
duas vezes melhor.'

Aí passado alguns anos eu pensei:

Como fazer duas vezes melhor, se você tá
pelo menos cem vezes atrasado pela
escravidão, pela história, pelo preconceito,
pelos traumas, pelas psicoses... por tudo que
aconteceu? duas vezes melhor como?

Ou melhora ou ser o melhor ou o pior de uma
vez.

E sempre foi assim.

Você vai escolher o que tiver mais perto de
você,

O que tiver dentro da sua realidade.

A vida é um desafio, Racionais MCs

RESUMO

O presente trabalho parte da jornada pessoal da autora para uma discussão acerca da necessidade de refletir sobre as disparidades raciais presentes nos ambientes: escola e sociedade. E utiliza a Estética do Oprimido, de Augusto Boal, como uma possibilidade pedagógica para trabalhar práticas educacionais antirracistas, favorecendo o cumprimento de leis educacionais afirmativas que determinam o ensino de temas étnico-raciais nas escolas públicas brasileiras com o intuito de propagar a reparação histórica no Brasil. Analisa a relatoria da experiência docente da autora ao aplicar esta pesquisa-ação com estudantes de Planaltina, Distrito Federal, que compõem a Cia do Imaginário, na turma de Altas Habilidades do CEP Saúde de Planaltina/DF, com intuito de promover o Letramento Racial, provocando-os a externalizar percepções sobre os temas, valorizando as suas especificidades e seus saberes locais. Propõe, com a Arte Educação Antirracista, através das bases da Estética do Oprimido, o incentivo da análise das opressões históricas enfrentadas pela população negra e o desenvolvimento de consciência crítica para buscarem soluções por meio de ações concretas e contínuas. Aborda os prejuízos da falta de uma educação antirracista e apresenta as contribuições do uso desta, na metodologia teatral, como subsídios teóricos e práticos para interessadas, interessades e interessados na luta contra o racismo no contexto educacional.

Palavras-chave: Educação Antirracista. Arte Educação. Letramento Racial.

ABSTRACT

This work relates the author's personal journey with the need to reflect on the racial disparities present in the school environment and in society as a whole. To this end, it uses the Aesthetics of the Oppressed, by Augusto Boal, as a pedagogical procedure capable of working on anti-racist educational practices that favor compliance with affirmative educational laws regarding the mandatory teaching of ethnic-racial themes in Brazilian public schools, in order to repair Brazil's historic debt with the black population. In this way, the research analyzes the methodological collection of the teaching experience experienced by the author with students from Planaltina - Federal District, who make up Cia do Imaginário in the High Skills class at CEP Saúde de Planaltina/DF, with a focus on promoting racial literacy. It reports how it was possible to encourage these students to feed their perceptions on the topics with respect to their specificities and local knowledge, allowing us to observe how anti-racist art education based on the Aesthetics of the Oppressed provides students with a natural space to analyze historical oppressions faced by the black population, in the individual and collective context, and denounces the damage caused by the lack of antiracist education in schools, contrasting the contributions of its implementation, in theatrical methodology, as a possible way for students to find concrete and continuous solutions against socio-racial violence that presents itself. Finally, it offers theoretical and practical support for those interested in the anti-racist fight in the educational context.

Keywords: Anti-racist Education. Aesthetics of the Oppressed. Art Education. Racism. Racial literacy.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AEE	Atendimento Educacional Especializado
CEP	Escola Técnica de Planaltina
CIA	Companhia de Teatro
CTO	Centro do Teatro do Oprimido
EDOC	Educação do Campo
LBD	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
LEDOC	Licenciatura em Educação do Campo
ME	Multiletramento Engajado
PIBID	Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência
SEEDF	Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal
STF	Supremo Tribunal Federal
T.O.	Teatro do Oprimido
TEN	Teatro Experimental do Negro

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Árvore do teatro do oprimido.....	31
Figura 2 - Mapas da vida.....	46
Figura 3 - Alunos compartilhando seus mapas da vida (a e b).....	48
Figura 4 - Mandala de possibilidades literárias/acadêmicas (a e b).....	49
Figura 5 - Produção do Brainstorming ou Nuvem de Ideias (a,b,c e d).....	50
Figura 6 - Imagem da matéria do Brasil de Fato.....	53
Figura 7 - Uma das respostas do autorretrato coletivo fala.....	56
Figura 8 - Alunos construindo o mapa dos caminhos.....	57
Figura 9 - Card gráfico do encontro educativo.....	59
Figura 10 - Mapa dos caminhos finais.....	58
Figura 11 - Respostas escritas dos eixos temáticos: cultura, origem das famílias e racismo, pela aluna Beatriz Guimarães, 15 anos, moradora da Vila Buritis - Planaltina/DF (a, b e c)	62

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Origem das famílias.....	63
Quadro 2 – Cultura.....	66
Quadro 3 – Racismo.....	71

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
CAPÍTULO 1 - O TEATRO E O ANTIRRACISMO COMO FERRAMENTA EDUCATIVA	22
1.1 DOS PALCOS PARA A PESQUISA	22
1.2 O TEATRO EXPERIMENTAL DO NEGRO ABRE AS PORTAS PARA O DEBATE	27
1.3 ESTÉTICA DO OPRIMIDO E O LETRAMENTO RACIAL	29
CAPÍTULO 2 - O LETRAMENTO RACIAL É SEMENTE QUE GERMINA	37
2.1 RACISMO: UM IMAGINÁRIO DO BRANCO NA REALIDADE DO NEGRO	37
2.2 FALAR DE RACISMO NA SALA DE AULA É UMA DEMANDA DE URGÊNCIA.....	40
CAPÍTULO 3 - ESTUDO DE CASO DA CIA DO IMAGINÁRIO: SALA DE RECURSOS DE ALTAS HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO DE PLANALTINA - DF	44
3.1 ESPETÁCULO QUARTO DE SONHAR – CAROLINA MARIA DE JESUS, EM 2022, EXEMPLO DE ARTE EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA.....	45
3.2 RELATANDO MINHAS EXPERIÊNCIAS INICIAIS COM A TURMA PARTICIPANTE DA PESQUISA, A CIA DO IMAGINÁRIO	54
3.3 ANÁLISE DA EXPERIÊNCIA DOCENTE EM PESQUISA JUNTO A TURMA PARTICIPANTE DA PESQUISA, A CIA DO IMAGINÁRIO	60
3.4 DA PESQUISA PARA A PALAVRA - CARTAS DE PERCEPÇÃO DOS ESTUDANTES	74
CONSIDERAÇÕES FINAIS	80
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	83

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa pretende contribuir com a compreensão de que a arte-educação baseada na Estética do Oprimido, com foco em temas sociorraciais nas escolas, pode facilitar o alcance do Letramento Racial por estudantes e docentes, para que estes desenvolvam habilidades sensíveis e cruciais para analisar o racismo tanto como violência quanto como estrutura social e ambiental.

Essa problemática é advinda das encruzilhadas pessoais da pesquisadora enquanto estudante de Educação do Campo com habilitação na área de conhecimento em Linguagens, mulher multiartista, arte-educadora e periférica-negra. Uma trajetória apresentada em primeira pessoa que responde aos questionamentos de uma consciência, infeliz, sobre as disparidades raciais e hegemônicas presentes nas práticas educacionais da escola. E usa desta inquietação para compreender, refletir e repensar o déficit do Letramento Racial na Educação Pública no presente trabalho.

Eu, Mayrla Mayra da Silva, fui criada por pais negros, na comunidade do Vale do Amanhecer em Planaltina – DF, meu pai de família nordestina e minha mãe de família mineira, origem familiar fortemente marcada pela bisavó “pega no laço” no Nordeste e da tataravó escravizada nas minas de extração em Ouro Preto – MG. Por muitos esforços dos meus pais estudei em escola particular no jardim de infância, e senti expressivamente a discriminação e negação afetiva da professora da turma e a estranheza de ser a única negra em sala. Em seguida, na Educação Pública, diferentes formas de racismo se colocaram à minha frente. Diversas armadilhas estavam à minha frente.

No entanto, desenvolvi compreensões que me permitiram driblar as barreiras impostas pelo sistema e chegar até uma Universidade Federal, a Universidade de Brasília. Hoje, como estudante de Licenciatura em Educação do Campo na Faculdade de Planaltina UnB/FUP, passo a reconhecer a relevância da instituição escolar em minha trajetória, especialmente durante o início do meu engajamento no movimento estudantil secundarista entre os anos de 2013 e 2015, onde fui presidente do Grêmio Estudantil no Centro Educacional Stella dos Cherubins Guimarães Trois, em Planaltina-DF. Considerando a importância da arte-educação do teatro em comunidade na Companhia de Teatro - Ateliê Aberto no Vale do Amanhecer - Planaltina DF, que além de promover cultura e política através de rodas de conversa, oficinas e intervenções estéticas como “colagem de lambes” e revitalização de espaços, foi realizado o primeiro festival de cultura na perspectiva do hip-hop da região, chamado Festival VIVA - Vozes e Identidades do Vale do Amanhecer.

Compreender a necessidade de explorar e investigar as dinâmicas raciais, tanto ativas quanto passivas, no ambiente escolar foi fundamental para minha experiência positiva e protagonista durante minha trajetória educacional. Ao participar de ações coletivas e experimentações artísticas, pude construir minha identidade e vislumbrar caminhos possíveis para enfrentar o racismo. Agora, na Universidade Pública, utilizo minha posição como pesquisadora e minha voz como intelectual orgânica em função da contra-hegemonia¹ para conduzir este trabalho sobre as nuances do racismo. Minha pesquisa movimenta diálogos, depoimentos, imagens, vozes e consciências, incluindo a minha própria, em busca de uma compreensão mais profunda e uma transformação efetiva.

No primeiro capítulo irei sistematizar recursos teóricos que embasam o porquê de utilizar o Teatro e a Estética do oprimido como linguagem educativa escolar antirracista. Para tanto, busco compreender as dinâmicas que contribuem para a perpetuação do racismo na história, na atualidade e no ambiente escolar.

Considerando que o racismo é uma construção estratégica que tem estruturado a sociedade ocidental contemporânea, visando manter a relação da exploração colonizadora e capitalista sobre os oprimidos, é fundamental aprofundar teoricamente essa relação histórica e sociopolítica do racismo. Ademais, é importante explorar o conceito de Letramento Racial, que pode ser considerado como autoanálise de como o racismo e a negritude nos afetam. No entanto, é necessário ir além do discurso e mapear essas relações de privilégios raciais para efetivamente realinhar esse impacto na prática.

Nesse sentido, vale ressaltar que a maioria das crianças negras, nas escolas de primeiro grau, são vistas como indisciplinadas, dispersivas, desajustadas ou pouco inteligentes. De um modo geral, são encaminhadas a postos de saúde mental para que psiquiatras e psicólogos as submetam a testes e tratamentos que as tornem ajustadas. Se refletirmos um mínimo sobre a questão, não teremos dificuldade em perceber o que o sistema de ensino destila em termos de racismo: livros didáticos, atitudes dos professores em sala de aula e nos momentos de recreação apontam para um processo de lavagem cerebral de tal ordem que a criança que continua seus estudos e que por acaso chega ao ensino superior, já não se reconhece mais como negra (Gonzalez, 2020, p. 29).

¹O conceito foi desenvolvido por um dos fundadores do Partido Socialista Italiano, teórico político, escritor, filósofo e ativista, Antonio Gramsci, que destaca a importância dos intelectuais como agentes ativos e comprometidos na transformação social, representando e articulando os interesses e as demandas da classe trabalhadora. Sendo ele fundamental na luta contra a hegemonia e na construção de uma consciência crítica para a classe proletária. O mesmo argumentou que a conquista e a manutenção do poder não se limitam apenas à coerção física, mas também envolvem a criação de consenso e a influência ideológica pautadas por sua vez pelas classes dominantes (Junior, 2007).

No segundo capítulo, exploro mais profundamente como a consciência racial se consolida teoricamente e como pode ser incentivada com a Estética do Oprimido nas práticas pedagógicas de educadores comprometidos com ações antirracistas e o cumprimento das leis de reparação étnico-raciais, como a Lei 10639/03, na Educação Brasileira.

Em seguida, no terceiro capítulo, relato e analiso minha experiência docente com estudantes matriculados na sala de recursos das Altas Habilidades em Teatro no CEP SAÚDE, a Cia do Imaginário. Registrei neste documento como a pesquisa foi aplicada por meio de intervenções em aula, buscando dialogar sobre os imaginários da realidade socioracial dos estudantes e compreender suas percepções pessoais sobre seus contextos familiares, locais de moradia, expressões culturais e interações com o ambiente. O intuito foi incentivar o Letramento Racial, conceito formulado pela antropóloga afro-americana France Winddance Twine como racial literacy, e traduzido pela psicóloga e pesquisadora Lia Vainer Schucman como “Letramento Racial” (Santos, 2022, p. 53).

A representação artística que cria oportunidades aos oprimidos e visa promover a conscientização social e política é chamado de Estética do Oprimido. Desta forma, é possível qualificar, de forma mais precisa, o teatro do oprimido como uma linguagem interativa de teatro que incentiva a participação do público, permitindo a participação ativa em experimentos e discussões que são apresentados. Ademais, outra linha teórica trabalhada na pesquisa é a Educação do Campo onde irei me apropriar de seus conceitos e bases para utilizá-los, também, como direcionamento metodológico possível de ser aplicado em qualquer contexto territorial, uma vez que este trabalho foi realizado no contexto de escola urbana com estudantes moradores da zona urbana e da zona rural.

Neste sentido, que em 2022, quando iniciei os estágios obrigatórios para a conclusão da Licenciatura e precisei me apresentar como estagiária em uma escola da minha cidade para a execução do Projeto de Iniciação à Docência – PIBID, conheci a turma de Altas Habilidades de Planaltina-DF e a Cia do Imaginário, dirigida pelo professor Wellington Oliveira, mestre e doutorando em Teatro em Comunidade.

Assim, pude ter na minha primeira experiência em docência, embarcar na etapa final do espetáculo “Quarto de Sonhar - Carolina Maria de Jesus”, em 2022, da Cia do Imaginário, onde as questões raciais e políticas presentes na peça apontaram a Educação Antirracista² que são práticas pedagógicas a serem utilizadas em um ensino que trabalhe em prol da igualdade racial funcionando de forma interdisciplinar, estética e integrada. Para Cavalleiro (2001)

² GILLBORN, David. Racism and antiracism in real schools: theory, policy, practice. Buckingham: Open University Press, 1995.

existem oito características de uma Educação Antirracista:

1. Reconhece a existência do problema racial na sociedade brasileira.
2. Busca permanentemente uma reflexão sobre o racismo e seus derivados no cotidiano escolar.
3. Repudia qualquer atitude preconceituosa e discriminatória na sociedade e no espaço escolar e cuida para que as relações interpessoais entre adultos e crianças, negros e brancos sejam respeitadas.
4. Não despreza a diversidade presente no ambiente escolar: utiliza-a para promover a igualdade, encorajando a participação de todos/as os/as alunos/as.
5. Ensina às crianças e aos adolescentes uma história crítica sobre os diferentes grupos que constituem a história brasileira.
6. Busca materiais que contribuam para a eliminação do ‘eurocentrismo’ dos currículos escolares e contemplem a diversidade racial, bem como o estudo de ‘assuntos negros’.
7. Pensa meios e formas de educar para o reconhecimento positivo da diversidade racial.
8. Elabora ações que possibilitem o fortalecimento do autoconceito de alunos e de alunas pertencentes a grupos discriminados (CAVALLEIRO, 2001, p. 158).

Ao observar a união desses elementos da Educação Antirracista com o Letramento Racial, tema que já estudava de forma independente, busquei entender como o processo educacional da turma favoreceu a promoção do Letramento Racial e o possível engajamento destes indivíduos na luta contra o Racismo Estrutural, que Almeida (2019) definiu em sua obra Racismo Estrutural, como “um elemento que integra a organização econômica e política da sociedade”.

No decorrer da pesquisa registro a origem e a montagem do espetáculo “Quarto de Sonhar - Carolina Maria de Jesus”, através desta aproximação inicial com a turma e como foi desencadeada a atual pesquisa com intervenções e trabalho prático. Os trabalhos práticos e intervenções foram inspirados pelos princípios teóricos da Educação do Campo, sendo esse trabalho fruto do conhecimento adquirido na Licenciatura em Educação do Campo na Faculdade UnB Planaltina para habilitação em linguagens que tem como princípios:

[...] a formação humana em todas as suas dimensões como primazia do ato educativo; o compromisso com um projeto de sociedade, de campo e de agricultura familiar; promover uma leitura crítica e engajada da realidade social que contribua para a organização dos setores oprimidos e aponte para a transformação da realidade; valorização da terra como instrumento de vida, de cultura, de produção (Batista, 2014, p. 03).

Entendendo isso, uma das formas que a Educação do Campo utiliza para conhecer e mapear as características do território em que a escola atua e colocar em prática seus

princípios é o inventário da realidade³. No início da pesquisa idealizei construir um inventário com os estudantes, porém no decorrer das atividades observei que não seria um produto realista para o tempo das intervenções. “É um processo cumulativo, que deverá ser feito passo a passo e continuamente”, segundo o Guia para um Inventário da LEDOC que foi disponibilizado por uma das professoras do curso de Licenciatura e Educação do Campo da Faculdade UnB Planaltina, durante meus estudos para que durante a intervenção inicial em março de 2023, fosse ministrada com a turma participante da presente pesquisa uma aula sobre o inventário da realidade.

Diante disso, mudei a rota e nas encruzilhadas dos pensamentos optei por focar em analisar os depoimentos e acontecimentos que surgiram nas espontaneidades das intervenções, fazendo do produto da pesquisa o próprio processo analítico, experiencial e educativo com culminância na apresentação final de algumas cartas escritas pelos estudantes sobre os seus atravessamentos durante a inserção no teatro e nas intervenções, propondo-os que mergulhassem nas próprias palavras sobre montagem a do espetáculo “Quarto de Sonhar” e sobre os nossos diálogos e exercícios referentes a esta pesquisa. A sistematização se deu a partir da realização de encontros semanais em meio turno do período de aula nas segundas-feiras, espaço cedido pelo professor, Wellington Oliveira. Para registrar os acontecimentos foram feitas capturas de imagens e vídeos, bem como notas para relatórios e análises posteriores na metodologia de pesquisa-ação. Ao final das intervenções nos três eixos temáticos da pesquisa, que a frente explicarei melhor, os alunos foram convidados a escrever as cartas que também estão introduzidas mais à frente.

O desafio lançado pela aplicação dos princípios da Educação do Campo (EDOC) nesta pesquisa foi a atuação entre territórios urbanos e rurais, porém o conceito da Educação do Campo de acordo com a Roseli Caldart (2012, p. 257) é “um fenômeno da realidade brasileira atual, protagonizado pelos trabalhadores do campo e suas organizações, que visa incidir sobre a política de educação desde os interesses sociais das comunidades camponesas”. Ela mesma

³ O inventário é uma ferramenta para levantamento e registro organizado de aspectos materiais ou imateriais de uma determinada realidade. Pode-se fazer um inventário de bens, de valores, de produções econômicas, culturais, sociais, de recursos naturais, de pessoas, de formas de trabalho, de lutas, de hábitos e costumes, de conhecimentos, de atividades agrícolas, de indústrias, de conteúdos de ensino, de livros lidos pelos estudantes e seus educadores. O inventário é uma ferramenta de trabalho para materializar sua ligação com a vida e as relações sociais de que é parte. Mas à medida que a escola organiza e disponibiliza as informações levantadas, ela passa a ser uma fonte de dados e de materiais de pesquisa para o conjunto da comunidade e para variados usos. E se trata de um trabalho dinâmico e cumulativo: se a escola conseguir estabelecer esta relação viva com a comunidade, ela própria (famílias, grupos, organizações etc.) poderá tomar a iniciativa de fornecer novos dados ou atualizar as informações do inventário, em um fluxo contínuo e educativo.

abre-nos o campo da compreensão ao descrever a Educação do Campo como um “conceito em construção” que na “consciência de mudança” assinala e projeta para além dela mesma. Isso significa, que a Educação do Campo passa a ser não apenas o marco da palavra que se originalizou na “Educação Básica do Campo” na Conferência Nacional por uma Educação Básica do Campo, realizada em Luziânia, Goiás, de 27 a 30 de julho 1998, mas evolui para uma determinante de práticas educativas concretas e na forma de construir políticas de educação. Como bem escreveu a professora Karla Vanessa Gomes dos Santos (2020):

A Licenciatura em Educação do Campo surge como uma nova proposta de educação política. Em que os educandos são formados para mudar a forma escolar e repensar um novo modo de produzir conhecimento levando em conta que o campo é lugar de pessoas e pessoas que produzem no campo e são produzidas por ele, portanto, são necessários métodos que visam a educação popular e, consequentemente, o poder popular. A metodologia do curso busca por meio das inserções orientadas nas escolas e comunidades criar meios pelos quais os estudantes possam contribuir com a transformação social, no entanto, isso só é possível se os sujeitos estiverem presentes, protagonizando todo o processo de pensar um novo modelo de sociedade, com novos valores e saberes (Santos, 2020, p. 65).

Sendo assim, os princípios da EDOC como base formativa visa ressaltar a importância de considerar as especificidades dos estudantes e suas realidades socioculturais, fortalecendo a identidade e valorizando os saberes locais, aproximando os estudantes do pertencimento e identificação com o processo educativo em qualquer território. Além disso, a utilização da EDOC como referencial metodológico busca fortalecer os diálogos acerca do ensino com os territórios: comunidade e escola, valorizar a memória cultural, religiosa e sociopolítica dos seus espaços, resgatar as origens familiares no processo de aprendizagem e autoidentificação com o conhecimento.

Deste modo, utilizar estas linguagens pedagógicas da Estética do Oprimido, do Letramento Racial e Educação do Campo com metodologia para a investigação de fato, na utilização de competências artísticas como o Teatro, o Desenho, a Escrita, entre outras, para desenvolver e analisar o Letramento Racial dos estudantes, observando como é possível que linguagens artísticas na escola possam eludir o “racismo”.

A diante, busco em Lélia Gonzalez a introdução teórica do tema: racismo no Brasil, como base de análise neste trabalho. A abolição da escravatura vigorante “no papel” desde 1888 não deu à população negras nenhuma oportunidade cidadã, o que resulta, cenas de pessoas sendo mortas dentro de mercados⁴; pessoas negras sendo resgatadas de trabalhos

⁴Caso JOÃO ALBERTO SILVEIRA FREITAS. Assassinado em uma unidade do supermercado Carrefour, na Zona Norte de Porto Alegre, na véspera do Dia da Consciência Negra. Disponível em: <https://g1.globo.com> em <https://brasil.elpais.com>. Caso PEDRO HENRIQUE GONZAGA Assassinado com um mata-leão dentro do

análogos à escravidão⁵ durante uma vida inteira; crianças negras sendo abandonadas em elevadores para morrer por patroas brancas⁶; indígenas reivindicando no Supremo Tribunal Federal – STF a proteção de seus territórios⁷. Entretanto, o que leva a essa naturalização da violência sobre os corpos negros é exatamente o silenciamento da compreensão e da discussão em espaços necessários.

Segundo Gonzalez (2020), excluir o racismo da discussão impossibilita compreender, o quanto é cruel negar a nós mesmos o conhecimento de nossos ancestrais, principalmente intelectual, para combater o racismo. No ensaio “As relações raciais no Brasil”, Lélia Gonzalez explica esta relação histórica com a identificação negra, que precisa ser repensada:

Tais condições nos remetem ao Mito da Democracia Racial enquanto modo de representação/discurso que encobre a trágica realidade vivida pelo negro no Brasil. [...] Ou seja, apesar de sua denúncia em face das injustiças socioeconômicas que caracterizam as sociedades capitalistas, não se apercebem como reprodutoras de uma injustiça racial paralela que tem por objetivo exatamente sua reprodução/perpetuação (Gonzalez, 2020, p. 28).

A importância de compreender o racismo e o silenciamento histórico desse debate em torno do ser negro e das relações mundiais e brasileiras é o primeiro caminho para fortalecer a autoestima negra, possibilitando uma virada na maré histórica, aonde o reencontro com nossa ancestralidade silenciada possa construir um futuro vívido a mulheres e homens negros do século XXI. E assim, confrontar de forma efetiva o racismo estrutural que invade, não só as relações interpessoais, mas também as relações intrínsecas das nossas mentes.

Conhecer nosso passado é compreender nosso presente e desenhar o futuro que se espera, só assim temos a possibilidade de reivindicar nossa existência no tempo e na memória. Fazendo o trabalho inverso ao que eles, os colonizadores, fizeram através da violência física, moral e intelectual. Este é um ato de superação aos papéis que hoje somos colocados devido a uma trajetória secular de negação e usurpação, construída por brancos através de um imaginário social que não é imutável, podendo ser, inclusive, repensado e admitido para a realidade, e assim incentivando a libertação para pensarmos nosso lugar no mundo.

Diante desse contexto, a pesquisa propõe a utilização da arte-educação antirracista

Extra, na Barra da Tijuca. Disponível em: <http://jornalismojunior.com.br>.

⁵ Mulher de 86 anos é resgatada após 72 anos de trabalho em condições análogas à escravidão. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br>

⁶ Caso Miguel Otávio Santana Da Silva.. Disponível em: <https://brasil.elpais.com> e <https://g1.globo.com>. “Caso Miguel: morte de menino no Recife mostra 'como supremacia branca funciona no Brasil', diz historiadora”. Disponível em: <https://www.bbc.com>.

⁷ CONTRA O DESRESPEITO STF pede informações à União sobre medidas de proteção a povos indígenas isolados. Disponível em: <https://www.conjur.com.br>.

como uma ferramenta interdisciplinar para promover o Letramento Racial dos estudantes. Isso se dá por meio de metodologias e práticas teatrais, permitindo um processo de autoanálise e reflexão sobre os processos de opressão histórica vivenciados pela população negra, além de possibilitar uma compreensão mais profunda da identidade negra. O objetivo final é desenvolver consciência crítica e empoderamento para buscar soluções por meio de ações concretas e contínuas.

Meu contato com o ensino de teatro antecede minha entrada na universidade, mas foi a atuação direta na escola para a realização do PIBID que aprofundou meus estudos sobre Letramento Racial. Essa experiência também despertou em mim uma necessidade urgente de abordar a lacuna existente nas práticas pedagógicas das escolas públicas sobre esse tema. Ao observar o trabalho de educação antirracista em Teatro realizado pelo professor Wellington Oliveira na turma em que estava inserido para realizar a intervenção do PIBID, senti a necessidade de expandir meu campo de pesquisa para além do escopo do programa. Assim, trago essa experiência docente para este trabalho de pesquisa acadêmica, que não só contribui para os alunos envolvidos nas intervenções, mas também busca inspirar outros arte-educadores, estudantes, pesquisadores e professores a se engajarem na luta contra o racismo no contexto da sala de aula.

Assim, faço desta pesquisa uma conciliação com minha infância violada pelo racismo e passo adiante a experiência que o Teatro me proporcionou na adolescência/juventude. Nesse sentido, a investigação neste trabalho visa proporcionar subsídios teóricos e práticos para que interessados possam utilizar a Estética do Oprimido como linguagem de enfrentamento ao racismo em suas ações educativas. Provocando de forma participativa estímulos à reflexão crítica para a construção de identidades e o enfrentamento ao racismo, contribuindo para a formação de cidadãs e cidadãos mais conscientes, empoderades (as/os) e comprometides (as/os) com a luta por igualdade racial.

CAPÍTULO 1 - O TEATRO E O ANTIRRACISMO COMO FERRAMENTA EDUCATIVA

No primeiro capítulo, O Teatro e o Antirracismo como Ferramenta Educativa, relaciono o Teatro, na minha experiência pessoal, como um dispositivo de conscientização e transformação social com foco nas possibilidades advindas da Estética do Oprimido, proposta por Augusto Boal (1975) puderam modificar minha trajetória, pois essas práticas de observação e estímulo de elementos sensíveis nas práticas do dia a dia me permitiram olhar/enxergar as violências que eu sofria com análise crítica consciente, me distanciando da cena, e não com raiva inconsciente, sendo personagem antagonista e incapaz de reverter a situação. Essa relação entre vivência e arte representa como a Arte Educação⁸, atua como um método educacional profundo, permitindo que indivíduos em situação de opressão – em especial aqueles impactados pelo racismo – possam expressar e ressignificar suas experiências a partir de uma perspectiva antirracista e protagonista. Boal (2009) fala de Estética do Oprimido também como uma prática de consciência:

Para nossa alegria, nos seres humanos existem neurônios que, dentro dos circuitos que integram, acumulam múltiplas funções, capazes de receber, produzir e transmitir sensações físicas, emoções concretas e ideias abstratas. A Estética do Oprimido baseia-se no fato científico de que, em um indivíduo, quando são ativados esses neurônios plurifuncionais, eles não ficam lotados de barriga cheia como bytes de um computador à espera de um agente exterior. Neurônios são vivos, dinâmicos; sua capacidade de armazenar informações e processá-las não se esgota nem se repleta - o saber não ocupa espaço, diz a sabedoria popular! Neurônios estimulados formam circuitos cada vez mais capazes de receber, transformar e transmitir mais mensagens simultâneas - sensoriais e motoras, abstratas e emocionais -, enriquecendo suas funções e ativando neurônios de perto ou de longe, que entram em ação criando redes cada vez maiores de circuitos entrelaçados que nos fazem lembrar outros circuitos, estabelecendo relações entre circuitos, quer tenham óbvias ou insuspeitadas afinidades, o que nos permite criar, descobrir, inventar, imaginar. A imaginação vai além do lembrado. (Boal, 2009, p. 116)

Para expandir o impacto antirracista da Estética do Oprimido, o capítulo também considera o legado do Teatro Experimental do Negro (TEN) de Abdias do Nascimento (1978), que foi pioneiro em questionar estereótipos raciais e promover uma estética afrocentrada no Teatro Brasileiro. Ainda que o TEN seja reconhecido por sua contribuição essencial ao combate ao racismo nos palcos, a Estética do Oprimido de Boal traz uma inovação metodológica ao desafiar o público a participar diretamente da transformação social, a partir

⁸Conceito esse que aponta para o entendimento de uma questão mais ampla que é a arte no espaço educativo: um projeto pedagógico com uma prática em arte. RUBIO, Claudete Paganucci. **ARTE-EDUCAÇÃO**. Revista Nucleus, v.1, n.1, out./abr. 2003.

da sua própria experiência, ampliando o alcance interno e externo da mensagem antirracista. Como diz Boal (2009):

A Estética do Oprimido, ao propor uma nova forma de se fazer e de se entender a Arte, não pretende anular as anteriores que ainda possam ter valor; não pretende a multiplicação de cópias nem a reprodução da obra, e muito menos a vulgarização do produto artístico. Não queremos oferecer ao povo o acesso à cultura - como se costuma dizer, como se o povo não tivesse sua própria cultura ou não fosse capaz de construí-la. Em diálogo com todas as culturas, queremos estimular a cultura própria dos segmentos oprimidos de cada povo. (Boal, 2009, p.46)

Por fim, abordo como esses métodos se articulam com a Educação, a Arte Educação e a Educação Antirracista, especialmente com olhar para a necessidade de promover uma prática antirracista nas escolas, cumprindo a Lei 10.639/03, que prevê o ensino da história e da cultura afro-brasileira. O texto reflete sobre a importância de metodologias que rompam com padrões eurocêntricos e promovam uma consciência racial crítica, empoderando estudantes e educadores a questionar estruturas racistas e a buscar uma representatividade autêntica e transformadora. Influenciada por pensadoras como Lélia Gonzalez, que chama a *pretitude* para a ação e protagonismo, a minha análise reforça que uma Educação verdadeiramente antirracista deve basear-se em práticas que valorizem as “vivências e resistências” das populações negras ancestrais, atuais e futuristas.

1.1 DOS PALCOS PARA A PESQUISA

Apresento aqui a trajetória pessoal da autora do trabalho, marcada por um profundo envolvimento com questões raciais e de ativismo cultural. Inspirada pelo Teatro Experimental do Negro de Abdias do Nascimento e pelo Teatro do Oprimido, desenvolvido por Boal.

Esta pesquisa, emergente em 2023, teve início de fato anos atrás, simultaneamente ao meu processo pessoal de racialização. Uma vez que, como mulher negra, minhas próprias experiências de violência e libertação fazem pacto com um campo de pesquisa da realidade e do lugar de fala, necessário para superação de paradigmas, no que diz respeito à raça e gênero. Em 2013, fui eleita vice-presidente do Grêmio Estudantil do CED Stella dos Cherubins, que se deu a partir do convite de um colega de sala: um homem branco, heterossexual e cisgênero, influenciado pela força secundarista da UJS (União da Juventude Socialista).

Nesse momento, pela primeira vez, notei que os olhares dos diretores, coordenadores e dos professores não mais expressavam desprezo ou arrogância em relação a mim, e como num estalar de dedos todas as situações vexatórias, como: aulas sobre escravidão em que os

colegas riam dizendo que os escravizados dos livros tinham o meu rosto; o desconforto de ser sempre colocada no “fundão” da sala de aula por alguns professores; ter como aliados apenas os professores de História, Filosofia e Artes; nunca ter recebido uma só cartinha de “flerte” e até mesmo ser considerada a menina mais feia da sala, fizeram sentido.

Essa experiência no âmbito do Grêmio Estudantil proporcionou uma mudança significativa em minha percepção sobre o ambiente escolar. E por ser um espaço no qual minha presença e minha voz foram reconhecidas e valorizadas, despertei então para a importância do engajamento político e do ativismo no combate às desigualdades raciais e sociais no contexto educacional. O que resultou no Projeto CAE - Conscientização Afro na Escola, em 2015, um processo que coordenei e realizei junto a um coletivo de estudantes do terceiro ano do ensino médio, componentes do Grêmio. Organizamos um calendário de atividades para intervalos culturais em cumprimento da Lei 10.639/03. Esse calendário durou em torno de 6 meses e o objetivo era concluir essas atividades em um dia de evento de educação afro cultural na escola, no dia 20 de novembro.

A nossa justificativa para adotarmos tal calendário, mobilizarmos os professores para que adotassem o projeto em suas aulas, tivéssemos a marca do projeto e confeccionassem uma camiseta validada como uniforme escolar do projeto era que tudo isso faria cumprir efetivamente a Lei 10.639/03 em um processo de vários meses e com experiências diversas de Letramento Racial, afinal o combate ao racismo é todo dia, e não apenas em um único dia, 20 de novembro, como costumeiro.

O evento foi dividido em três espaços de experiência: o primeiro espaço era a praça central da escola, onde recebemos convidados pertinentes ao tema, ali aconteceram falas de agradecimento e reflexão, bem como um desfile da cultura negra; o segundo espaço foi uma sala de experiência histórica e literária onde foram colados poesias e textos em cortinas e cartazes sobre a culinária e a cultura afro-brasileira. Expusemos então, ferramentas, instrumentos e artigos da cultura religiosa afro-brasileira. As atividades neste espaço foram avaliadas nos componentes curriculares de Língua Portuguesa, História e Filosofia. Uma conquista nossa, dos estudantes, em articulação com os professores para engajar todos os alunos da instituição na participação e desenvolvimento do projeto. Ainda na sala de experiência histórica e literária alguns colegas acompanhavam as visitas explicando os artigos e textos; e o terceiro espaço era no auditório escolar, que se tornou uma verdadeira matinê afro, aqui foram realizadas apresentações culturais de dança afro pelos próprios alunos. Atividades então avaliadas no componente curricular de Educação Física, e depois a festa de comemoração e encerramento do projeto.

O professor Wellington Oliveira, também em 2015, lecionava Artes Cênicas na mesma escola e no momento oportuno nos encontramos. Neste dia o professor fazia uma roda de debate com seus alunos e ao me apresentar fui convidada por ele a conhecer seu trabalho, o Projeto Ateliê Aberto no Vale do Amanhecer, onde moro, na cidade de Planaltina. O projeto foi criado quando Oliveira foi professor no CED Vale do Amanhecer:

[...] agregamos estudantes interessados em experienciar possibilidades artísticas em diálogo com a cidade, no sentido de explorar esse potencial identificado. Desenvolvíamos algumas propostas em sala de aula e outras eram aprofundadas apenas como atividades extra-curriculares, conforme o interesse dos alunos. Quando fui transferido da escola, tornei-me parceiro do Projeto Integrado Meninos do Vale (PIMEV), uma Organização da Sociedade Civil, e juntamente com os estudantes dei continuidade ao trabalho iniciado na escola, tendo uma aproximação ainda maior com os espaços da cidade e com outras pessoas da comunidade (Oliveira, 2016, p. 44).

Mas, somente em janeiro de 2016 passei a integrar o processo de montagem e de fato ser parte da CIA. Durante os encontros, diálogos e atividades comecei a desenvolver o sentimento de pertencer à minha própria história e território, cumprindo o teatro o seu papel como arma de libertação (Boal, 1975, p. 11).

A partir daí pude desbravar as mais inimagináveis experiências profissionais e artísticas, onde me descobri como poetisa, atriz, diretora, arte-educadora, produtora cultural e comunicadora. O contato com o teatro em comunidade foi um marco determinante para que eu abandonasse definitivamente os alisamentos capilares, “afrocentrasse” o meu discurso, me entendendo como classe trabalhadora e buscasse propor outras atividades coletivas na comunidade do Vale do Amanhecer.

Ao final do processo com o Ateliê Aberto, mais especificamente em junho de 2017, fundei ao lado de duas companheiras do Ateliê Aberto e outros companheiros da comunidade, o Coletivo ValeJovem, que por sua vez foi uma organização independente e de caráter horizontal, composta por jovens residentes no Vale do Amanhecer, em Planaltina-DF. Seu propósito consistiu na melhoria estrutural do bairro, na promoção da convivência harmoniosa, no despertar da cidadania, no exercício da ética, na preservação do meio ambiente e no desenvolvimento sustentável. Para mais, buscamos a erradicação de práticas discriminatórias, exploração infantil, poluição e falta de informação na comunidade. A missão do Coletivo foi pautada na defesa e reforma da comunidade, bem como na qualidade de vida e dignidade do ser humano.

A proposta central do ValeJovem foi oferecer aos jovens residentes do Vale do Amanhecer a oportunidade de participar de ações comunitárias. Para tanto, foram

implementados projetos voltados para lazer, capacitação, cultura e esporte. Também, na época, promovemos atividades culturais, fóruns e debates públicos.

O coletivo pausou suas atividades em janeiro de 2018, com o encerramento do Festival VIVA - Vozes e Identidades do Vale do Amanhecer, que foi o primeiro festival de culturas hip-hop composto somente por artistas da comunidade, que por sua vez teve início em setembro de 2017 com a Ação VIVA - Vozes e Identidades do Vale do Amanhecer - Encontro com Mídia Ninja, uma rede de comunicação livre que busca novas formas de produção e distribuição de informação a partir da tecnologia e de uma lógica colaborativa de trabalho, fundada em 2013.

A ação inaugurou a *Garagem Cultural* no Vale do Amanhecer, espaço público idealizado pelo agente cultural, Elias Viana. O evento principal do Festival VIVA ocorreu em dezembro de 2017 com uma noite de festividades e apresentações. E teve encerramento em janeiro de 2018 com o Espaço Aberto - Encontros VIVA - Vozes e Identidades do Vale do Amanhecer, com foco em integrar o festival e a comunidade e formar uma rede de artistas, empreendedores e ativistas do Vale do Amanhecer para se capacitarem na disputa de editais de apoio a cultura do Estado. O evento fez parte das atividades do Espaço Aberto do Jovem de Expressão, a iniciativa teve o objetivo de apoiar ações da juventude em espaços públicos das cidades do Distrito Federal.

É relevante ressaltar, que esse processo de reconhecimento e empoderamento pessoal na prática do trabalho coletivo comunitário desencadeou um interesse cada vez maior em compreender as dinâmicas do racismo no ambiente território, individual e escolar. E quando ingressei no curso de Licenciatura em Educação do Campo com habilitação em Linguagens e Artes na UnB - Universidade de Brasília, retomei a importância de lutar por uma educação libertadora, o que se deu a partir dos estudos dos conceitos de Paulo Freire.

Neste momento, como pesquisadora, encontro-me imersa no estudo da Estética do Oprimido, concebida por Augusto Boal, durante as aulas de teatro ministradas pelo docente de Artes Cênicas, Literatura e Ciências Sociais na Universidade de Brasília (UnB), o professor Rafael Litvin Villas Bôas. Os ensinamentos advindos do Professor Rafael Villas Bôas, aliados às minhas experiências artísticas e acadêmicas, abrangentes nas temáticas raciais, convergem para a formulação deste atual trabalho de pesquisa. Inicialmente, o propósito da pesquisa consistia em investigar os apagamentos das expressões artísticas pertencentes à comunidade negra. Entretanto, confrontada com uma série de violências, tanto objetivas quanto subjetivas, que permearam as minhas dinâmicas escolares, e reconhecendo a necessidade de reconciliação com as cicatrizes de uma infância ferida e uma adolescência apagada pelo

racismo ainda latente em minha memória, minha jornada educacional no âmbito universitário culminou na concepção deste estudo acadêmico, a fim de elucidar esses confrontos internos e propor uma saída concreta, com as ferramentas postas para uso.

É importante ressaltar que esta abordagem autobiográfica busca reconhecer e reafirmar, em exemplo, as transformações que um indivíduo sofre, bem como transforma seu meio, como resultado das interações culturais e experiências educacionais, em consonância com o entendimento de Martins (1997):

A apropriação da cultura pelo indivíduo não acontece de forma passiva: este, ao receber do meio social o significado convencional de um determinado conceito, interioriza-o e promove, nele, uma síntese pessoal. Esta, por sua vez, ocasiona transformações na própria forma de pensar. É, portanto, com outros sujeitos humanos que maneiras diversificadas de pensar são construídas, via apropriação/internalização do saber e do fazer da comunidade em que o sujeito se insere (Martins, 1997, p. 119).

A seguir, busco proporcionar subsídios teóricos e práticos, por meio da apresentação detalhada de uma experiência docente, para que interessados possam utilizar da estética do oprimido em práticas educacionais antirracistas. E finalizo em Lelia, uma mulher negra, a compreensão de que só com referenciamento de representatividade é possível se fazer uma análise científica com a mais provável verdade sobre as nossas cicatrizes sociais:

O fato é que, enquanto mulheres negras, sentimos a necessidade de aprofundar nossa reflexão, em vez de continuarmos na reprodução e repetição dos modelos que nos eram oferecidos pelo esforço de investigação das ciências sociais. Os textos só nos falavam da mulher negra numa perspectiva socioeconômica que elucidava uma série de problemas propostos pelas relações raciais. Mas ficava (e ficará) sempre um resto que desafiava as explicações. E isso começou a nos incomodar (Gonzalez, 1983, p. 225).

1.2 O TEATRO EXPERIMENTAL DO NEGRO ABRE AS PORTAS PRO DEBATE

Para falar de Arte Educação, Teatro e Educação Antirracista é imperativo iniciar a discussão contextualizando o Teatro Experimental do Negro (TEN), fundado por Abdias do Nascimento, a maior referência e primeiro marco do enegrecimento do Teatro no contexto brasileiro. Abdias foi autor de obras como "Sortilégio" (1959), "*Dramas para negros e prólogo para brancos*" (1961) e "*O negro revoltado*" (1968), um dos fundadores da *Frente Negra Brasileira*, movimento iniciado em São Paulo em 1931, e o criador do Teatro Experimental do Negro (TEN), em 1944 no Rio de Janeiro, todos estes marcos com o objetivo de promover a valorização social do povo negro no Brasil, servindo também como grito de resistência e afirmação, utilizando a educação, a cultura e a arte como ferramentas

fundamentais.

O TEN surgiu devido à ausência de representações teatrais que abordassem adequadamente a história e os temas pertinentes à população negra brasileira, propondo-se a educar por meio da arte, cultura e educação, e buscar a valorização do negro no país, emergindo de um contexto no qual a representação do negro nos palcos teatrais era frequentemente estereotipada, caricata ou mesmo ausente. Abdias do Nascimento, diante dessa realidade, enxergou no teatro um veículo poderoso para expressar as nuances e desafios enfrentados pela população negra. O grupo, ao lançar sua proposta, visava criar um espaço de conscientização e protagonismo para indivíduos marginalizados pela sociedade (Santos, 2019, p. 33)⁹

Comprometido com a valorização do negro, o TEN propunha uma abordagem de confronto ao racismo tanto nos palcos quanto na sociedade em geral. O grupo buscava a transformação das estruturas de opressão racial na sociedade brasileira, atuando em diversos setores, como cultura, economia, política e mídia. Além do que, faz o resgate da cultura africana, marginalizada; educa a classe dominante branca a compreender a estética dos nossos corpos, saberes e culturais ancestralizadas; e oferece novas perspectivas para atrizes negras e atores negros no cenário teatral brasileiro da época. O movimento, constituído por indivíduos comuns, incluindo faveladas e favelados, trabalhadoras domésticas e trabalhadores operários, teve um papel significativo na conscientização política e na busca por uma sociedade mais justa e igualitária para todas as raças e culturas. Os objetivos básicos do TEN eram os seguintes:

- Valorizar e resgatar os valores culturais africanos, geralmente relegados a um mero folclore pitoresco e desconsiderado.
- Educar a classe dominante branca por meio de uma pedagogia estruturada na arte e cultura, desafiando a noção de superioridade baseada em critérios étnicos e culturais.
- Abolir da prática teatral de maquilar atores brancos para interpretar personagens negros, buscando impedir a representação estereotipada do negro em papéis grotescos ou caricatos, como moleques levando cascudos, negras lavando roupa ou mulatas em representações estereotipadas.
- Eliminar a prática habitual de utilizar atores negros em representações teatrais que reproduzam estereótipos ou retratem situações grotescas, tais como representações de jovens negros recebendo castigos físicos, executando tarefas subalternas como carregar bandejas, mulheres negras desempenhando o papel de lavadeiras ou realizando tarefas domésticas, além de figuras femininas mulatas sendo retratadas de maneira

⁹ Disponível em: <https://bdm.unb.br>

estereotipada e homens negros domesticados, assim como mães negras representadas de forma lacrimosa.

- Desmascarar e desacreditar abordagens pseudocientíficas que tratavam o negro de maneira distorcida, ressaltando sua inutilidade e inautenticidade na representação das experiências afro-brasileiras, muitas vezes dissociadas de um contexto racista em nossa sociedade (Nascimento, 1978 apud Rosa, 2007, p. 25).

Nascimento explicita a reafirmação da negritude no âmbito do teatro ao trazer características anteriormente associadas como “coisa de negro”, no teor pejorativo, para a incorporação destas características como parte integrante da importância do legado cultural negra no teatro brasileiro. Para fazer este enfrentamento ao embranquecimento da comunidade negra nos palcos, o Teatro Experimental do Negro TEN empreendeu uma iniciativa inovadora e impactante:

[...] educou, formou e apresentou os primeiros interpretes dramáticos da raça negra-atores e atrizes do teatro brasileiro [...] inspirou e estimulou a criação de uma literatura dramática baseada na experiência afro-brasileira, dando ao negro a oportunidade de surgir como personagem herói, o que até então não se verificara, salvo em raros exemplos mencionados do negro como figura estereotipada (como ocorria em peças como Mãe e Demônio familiar, ambas de José de Alencar) (Nascimento, 2017, p. 162).

O Teatro Experimental do Negro (TEN) se configurou como um ato revolucionário ao almejar e contribuir para uma sociedade mais equitativa, reconhecendo a importância da inclusão dos indivíduos marginalizados no processo de transformação social. O movimento propôs uma reflexão acerca do reconhecimento mútuo do outro como ser humano, o que representa um traço intrínseco à nossa herança ancestral, enfatizando os valores de irmandade, comunhão, luta e resistência.

Isso implica a visão do outro como um ser dotado de singularidades, divergências e complexidades, merecedor, portanto, de respeito e tratamento igualitário. Instigou debates sobre o papel do negro na sociedade brasileira e abriu caminho para que novas iniciativas surgissem, promovendo discussões públicas sobre a representação do negro nos palcos.

Com uma estética singular, o TEN delineou um estilo teatral inovador para seu tempo, escapa das reproduções rasas das questões sociopolíticas do negro em sociedade e representações embranquecidas e vexaminosas dos mais diversos e ricos elementos culturais afro diaspóricos e, assim, deixou um legado inspirador de protagonismo negro no espaço histórico da arte e da educação a partir do teatro, abrindo os caminhos para que fosse possível chegarmos até o debate desta pesquisa.

1.3 ESTÉTICA DO OPRIMIDO E O LETRAMENTO RACIAL

Ao adentrarmos nos pilares diretivos desta investigação, torna-se imprescindível examinar o Teatro do Oprimido (TO), um método teatral que está inserido na proposta do Teatro Político de aproximar o teatro das grandes massas, democratizar a linguagem artística e proporcionar a interação da realidade social com a ficção para tornar o teatro uma possibilidade de crítica e transformação da sociedade. Surgindo de experimentos e descobertas de Augusto Boal ao longo de sua trajetória artística e de vida, as quais contribuíram para promover a reflexão dos sujeitos oprimidos, torná-los conscientes dessa realidade de opressão social, para combatê-la e mudá-la (Silva; Costa, 2020).

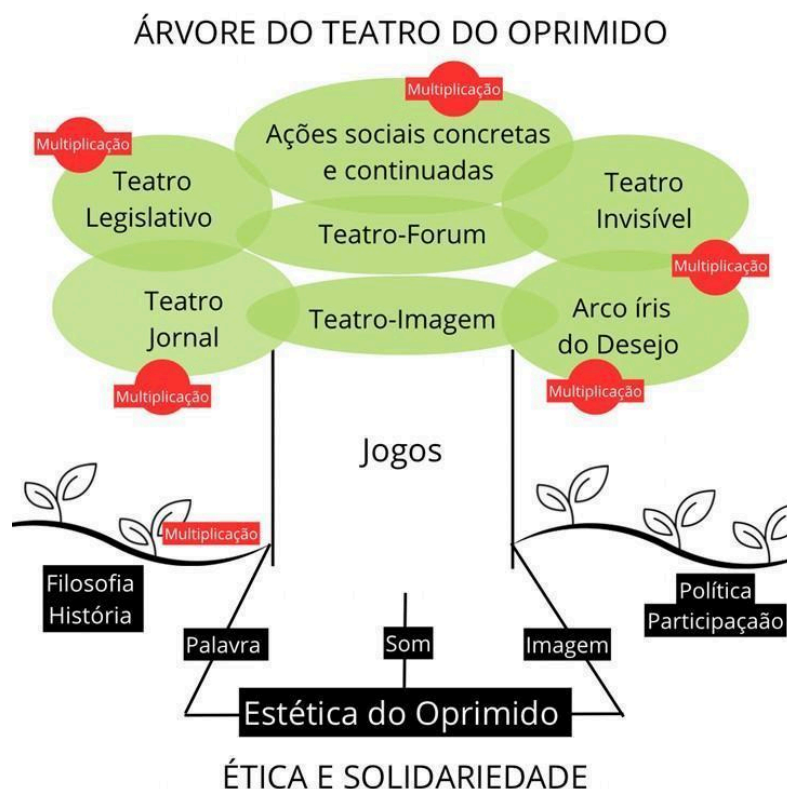
O sistematizador do TO, Augusto Pinto Boal (1913-2009), diretor teatral, autor e teórico, nasceu na cidade do Rio de Janeiro e ficou conhecido internacionalmente por associar o teatro ao contexto social. Nesse contexto, o T.O. e suas técnicas convergem para o objetivo de conhecer e transformar a realidade social oprimida, visto que “em todas as suas formas, busca sempre a transformação da sociedade no sentido da libertação dos oprimidos” (Boal, 2019, p. 16).

Em seu livro “O Teatro do Oprimido e Outras Poéticas Políticas”, Boal (2019) apresenta, enquanto metodologia, a imagem da árvore como símbolo de seu método teatral (figura 1), esta por sua vez, representa um elemento que se encontra em constante transformação e multiplicação. O fio norteador da árvore, que se encontra na raiz, baseia-se nos princípios da “Ética da Solidariedade”. Tais princípios funcionam como uma espécie de seiva que alimenta o tronco e sua copa.

Em seguida, na base do tronco, encontra-se a palavra, que pode se desenvolver por meio da escrita e da fala; o som por meio de novas possibilidades musicais e efeitos; e a imagem por meio das artes plásticas. No tronco da árvore estão os jogos, de onde brotam os processos estéticos que estimulam a criatividade e a conexão entre o grupo, logo que possuem duas características importantes para a vida do ser humano em sociedade: as regras e a liberdade. Os jogos do Teatro do Oprimido encontram-se no livro “Jogos Para Atores e Não Atores” (Boal, 2008). Sobre os jogos, Boal diz que:

[...] os jogos ajudam a desmecanização do corpo e da mente alienados às tarefas repetitivas do dia a dia [...]. Os jogos facilitam e obrigam a essa desencanização sendo, como são, diálogos sensoriais onde, dentro da disciplina necessária, exigem a criatividade que é a sua essência (Boal, 2019, p. 15).

Figura 1 - Árvore do teatro do oprimido



Fonte: Autora com base em Boal (2019).

A copa da árvore corresponde às seis técnicas que compõem o TO, que são: o Teatro Imagem, o Teatro Fórum, o Teatro Invisível, o Teatro Legislativo, o Teatro Jornal e o Arco-Íris do Desejo, como descrito por Boal (1974).

Todas as vertentes do TO possuem um caráter democrático, pois permitem que em cena sejam discutidos problemas sociais, e o público atue no lugar dos atores, tornando-se “spect-atores” (Boal, 2019). Assim, no TO o palco é também utilizado pela plateia e não só pelo ator. Uma das indagações de Boal que o ajudaram a pensar seu teatro enquanto metodologia deu-se com a comparação que fez entre as propostas de um teatro revolucionário, político, reflexivo e atuante, que envolve a plateia na ação cênica, comparada ao Teatro Aristotélico, que na perspectiva de Boal, não vislumbra tais possibilidades.

O teatro Aristotélico é baseado na obra “Poética” de Aristóteles, com ênfase na mimesis, ou seja, imitação da vida real. Central para essa forma de teatro é o conceito de catarse, que visa provocar as emoções do público com experiências instigantes. Ademais, o teatro aristotélico defende um enredo principal na trama, com período limitado e em um único

lugar. Essa modalidade de teatro estabelece uma hierarquia dramática elencando personagens principais, secundários e terciários. Com tudo isso essa modalidade não busca apenas entreter, mas também emocionar e provocar reflexões.

Com isso, Boal quebrou paradigmas na arte teatral, as quais sempre condicionaram o espectador a ser mais um participante e interagir com o espetáculo. No que tange à temática social, as categorias teatro e política articulam-se, conforme o próprio autor pontua: “A discussão sobre as relações entre teatro e política é tão velha como o teatro...ou como a política. Desde Aristóteles e desde muito antes, já se colocavam os mesmos temas e argumentos que ainda hoje se discutem” (Boal, 2019, p. 27).

Todavia, na proposta de Boal, os acontecimentos ganham vida no palco e não são mera imitação da realidade, mas são a própria realidade encenada e vivenciada pela plateia. Nesse ponto, o poder do texto sai do exclusivismo do ator, passando a ser compartilhado com o espectador. O Teatro do Oprimido é uma abordagem que vai além do entretenimento teatral, buscando despertar a consciência social e promover mudanças positivas na sociedade. Sendo uma prática pedagógica que visa incentivar a criatividade, a comunicação, a escuta ativa, a empatia, o pensamento crítico e a reflexão sobre questões sociais, a construção coletiva do conhecimento, o empoderamento individual e coletivo, a resolução de conflitos de forma não-violenta e a transformação social através da arte e da ação política.

Em síntese, Augusto Boal desempenhou uma contribuição fundamental para a dramaturgia brasileira através do desenvolvimento do Teatro do Oprimido, um dos métodos teatrais mais difundidos globalmente. Além disso, Boal estabeleceu o Centro de Teatro do Oprimido (CTO) no Rio de Janeiro, cujo propósito primordial consistia em disseminar sua abordagem, incentivando e supervisionando a atuação de praticantes e grupos teatrais. O CTO emergiu como um ambiente de pesquisa e aprofundamento tanto prático quanto teórico do Teatro do Oprimido, sendo o local de origem do conceito de Teatro Legislativo e, por fim, o berço da concepção da Estética do Oprimido.

Após compreendermos o T.O., chegamos a Estética do Oprimido que visa dialogar com todos os campos do conhecimento e facetas artísticas, podendo se tornar uma prática pedagógica utilizada por muitos educadores das áreas das artes, dentre outras. Para que compreendamos: a prática pedagógica se conceitua em ações que se organizam intencionalmente para atender a determinadas expectativas educacionais levantadas por um determinado objetivo (Franco, 2016, p. 541).

A Estética do Oprimido, se entende através da dicotomia entre os dois pensamentos: simbólico e sensível, explorando como essas formas de pensamento influenciam a percepção

de quem assiste a expressão artística, como: som, imagem e palavra são fundamentais tanto na libertação quanto na dominação das mentes, e se destacando por apresentar uma abordagem revolucionária para o teatro, propondo uma estética que emerge das vivências e experiências dos oprimidos para gerar conexão e reflexão em que presencia ao ato.

Essa modalidade criada por Augusto Boal, tem uma abordagem inovadora que visa utilizar o teatro como possibilidade de conscientização e transformação social, a partir da experiência sensível com som, palavra e imagem. Essa, diferencia-se do modelo tradicional de teatro, pois a Estética do Oprimido propõe a interação profunda com o público, assim tornando-os sujeitos participantes. Toda a interação acontece por meio de jogos, exercícios e técnicas teatrais que visam acessar as emoções dos participantes para que eles possam interagir com criticidade e ativamente. A Estética do Oprimido cria oportunidades de análise sensível das opressões aos marginalizados e permite que eles expusessem suas angústias e expectativas para além do palco, mas para a vida. A Estética do Oprimido não é apenas uma nova abordagem teatral, mas um caminho pedagógico de conscientização na luta por justiça social.

Durante suas experiências, Boal foi desenvolvendo atividades e técnicas para potencializar o uso do som, da imagem e da palavra, das poesias, das músicas, dos desenhos, das pinturas, das danças, das esculturas e dos espetáculos formando, ou seja, um novo conceito teatral, dessa forma fortalecendo habilidades dos integrantes em criar metáforas para representar a realidade a partir das suas próprias vivências e subjetividades. Havia então uma conexão entre descobertas práticas, do fazer sentir sem precisar explicar, e teóricas, do explicar o que se sente e faz.

Boal deu ênfase na democratização do teatro, ao transformar o público em “spect-atores”, termo que significa a participação ativa dos espectadores na representação teatral. Para Boal, o momento de uma representação teatral precisa ser um espaço interativo, onde o público também tenha voz e ação na construção das narrativas e na solução dos problemas sociais representados.

Para que tudo isso fosse colocado em prática, alguns conceitos foram fundamentais, como por exemplo, o Pensamento Sensível (Boal, 2009, pág. 16), que se trata de uma forma não-verbal e fluida de se expressar, sendo uma importante ferramenta para ajudar a compreender e a materializar o conhecimento simbólico, sensível e imaterial que reside no cérebro físico, vale lembrar que o Pensamento Sensível é subjetivo e varia de acordo com as vivências de cada indivíduo. Para Boal (2009, p. 19) “O Pensamento Sensível é necessário e insubstituível tanto para entendermos as guerras mundiais como o sorriso de uma criança”.

Para que o Pensamento Sensível se transporte para o mundo físico e consiga ser interpretado por meio da arte e estética, utilizamos outro conceito: o Pensamento Simbólico (Boal, 2009, p. 229), caracterizado pelas palavras, som, imagem e as harmonias entre si.

Ambos os pensamentos complementam nosso objeto de entendimento, sendo ferramentas poderosas, possíveis de serem usadas tanto para manipulações quanto para a potencialização de consciências agentes e transformadoras.

Ambos os pensamentos se manifestam no corpo, e quando nasce um corpo, ele passa a coexistir em um mundo, daí a subjetividade dos pensamentos nos indivíduos. Desde a fase fetal, o indivíduo passa absorver conceitos únicos e vivenciais, de músicas ouvidas pela mãe a brigas entre os pais, barulhos e movimentos da mãe. Todos os estímulos sensoriais e emocionais ficam cravados em nosso cérebro desde o começo da nossa existência. Sendo, para o teatrólogo “A cultura de cada sociedade está imbricada no sistema nervoso de cada um de nós” (Boal, 2009, p. 54).

Sendo o cérebro uma caixa valiosa, de neurotransmissores e guardião de memórias, ele é o primeiro a ser atacado. É o que podemos chamar de Invasão dos Cérebros (Boal, 2009, p. 148), trata de uma estratégia semelhante à de invadir países. Tudo começa com bombardeios, que atordoam e amedrontam as pessoas, além de mortes televisionadas para só depois entrar em ação a infantaria de ocupação. O que inunda o cérebro do telespectador, é a forma como ele vai perceber o mundo. Se suas referências de vida forem de escassez e violência, qualquer forma de pensamento deste indivíduo está fadada a ser obscuro. Nesta lógica, a Estética do Oprimido existe para estimular novas formas de ver e se relacionar a realidade a partir da sua representação artística e da análise no diálogo, dando liberdade ao pensamento simbólico e sensível para que as percepções fluam de forma aprofundada nos indivíduos.

A Estética do Oprimido, portanto, se trata da utilização do espaço cênico para uma abordagem reflexiva e sensível das questões da realidade, caracterizada por um processo gradual e seguro que busca a percepção recíproca entre o espectador e o que está sendo representado. Essa abordagem viabiliza a compreensão holística dos elementos presentes nos objetos de análise e propicia a busca por soluções. Assim, a Estética do Oprimido possibilita ouvir e sentir em conjunto com aqueles que se colocam como “spect-atores”, tornando visível aquilo que muitas vezes permanece invisível em nossos olhos. Ao desempenhar essa função, a Estética do Oprimido oferece ao indivíduo a oportunidade de exercer seu pensamento crítico e controlar suas reações sensitivas diante dos estímulos sociais, sejam eles violentos ou ligados às lutas sociais, incluindo, de maneira essencial, a compreensão do racismo tanto no âmbito escolar quanto na esfera social mais ampla.

Essa compreensão permite que o presente trabalho possa propor o Letramento Racial Crítico que defende uma ação antirracista que interfira na transformação da realidade através da educação, principalmente no ambiente escolar, em uma experiência docente comprometida em trazer para o ambiente escolar o espaço cênico sensível e interdisciplinar, que busque através desta Estética, rasgar o véu do racismo nas representações das violências e dos temas que os próprios estudantes já tenham vivenciado ou presenciado. O conceito de Letramento Racial criado por Aparecida de Jesus Ferreira (2014), professora PhD em Educação de Professores e Linguística Aplicada e professora da Universidade Estadual de Ponta Grossa, UEPG, se apresenta em ensinamentos através de filmes que retratam as realidades não brancas, diálogos sinceros e sensíveis sobre temas raciais que permeiam a vida dos alunos e suas diversidades, ilustrar através de teatro, músicas, desenhos e elementos diversos conceitos aprofundados e necessários para que alunos entendam as violências e privilégios que permeiam as relações raciais no cotidiano.

A importância de compreender, nas diversas linguagens, o racismo e o silenciamento histórico desse debate em torno do ser negro e das relações mundiais e brasileiras que lhe acarretam é o primeiro caminho para possibilitarmos uma virada na maré histórica. E assim, confrontar de forma efetiva o racismo estrutural que invade, não só as relações interpessoais, mas também as relações intrínsecas das mentes oprimidas e opressoras. Com essa consideração defendo a possibilidade de utilizar da estética do oprimido para o enfrentamento das questões étnico raciais, como fez Turle (2014).

Compreendemos o Teatro do Oprimido, como uma possibilidade de prática pedagógica, a experiência de Licko Turle na montagem teatral de *“O Pregador”* - espetáculo realizado em 1995 - somente por negros universitários, é pioneira na sistematização teórica da utilização do Teatro do Oprimido como prática pedagógica antirracista, exemplificando como o espaço do teatro, no método do oprimido, é um lugar de Letramento Racial Crítico¹⁰.

Sendo assim, nesta direção o T.O. pode ser também ferramenta de implementação do Letramento Racial bem como do cumprimento das leis 10.639/2003 e 11.645/2007 e a alteração da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB 9.394/1996, que são políticas de ações afirmativas de reparação histórica com a escravização no Brasil no âmbito da Educação, uma vez que a interligação direta entre as ações afirmativas e as ações didáticas diárias e concretas somam força na compreensão do racismo para sua superação.

A Lei 10.639/2003 estabelece a obrigatoriedade do ensino da História e Cultura Afro-

¹⁰Conceito formulado pela antropóloga afro-americana France Winddance Twine como racial literacy, e traduzido pela psicóloga e pesquisadora Lia Vainer Schucman como “Letramento Racial” (Santos, 2022, p. 53).

Brasileira nas escolas de ensino fundamental e médio. Ela busca promover o reconhecimento e a valorização da contribuição dos povos africanos na formação da sociedade brasileira, bem como o combate ao racismo e à discriminação racial. A lei determina que esses conteúdos devem ser integrados de forma transversal em diferentes disciplinas, ampliando o conhecimento sobre a diversidade étnico-racial no país.

Enquanto a Lei 11.645/2007 amplia o escopo da Lei 10.639/2003 ao incluir também o ensino da História e Cultura Indígena nas escolas de ensino fundamental e médio. Ela reconhece a importância dos povos indígenas na formação do Brasil e busca combater o preconceito, a discriminação e a invisibilidade desses povos.

Assim como na lei anterior, os conteúdos relacionados à História e Cultura Indígena devem ser abordados de forma transversal nas disciplinas escolares. A LDB é a principal legislação que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional no Brasil. Em 2008, a LDB foi alterada para incluir a obrigatoriedade do ensino da História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena em todas as escolas, sejam elas públicas ou privadas, de todos os níveis de ensino. Essa alteração reforça a importância do respeito à diversidade étnico-racial e da promoção da igualdade de direitos no sistema educacional brasileiro. As citadas leis têm como objetivo promover a valorização das culturas afro-brasileira e indígena, tal e qual combater o racismo, a discriminação e a invisibilidade desses grupos na sociedade.

Essas leis buscam assegurar o reconhecimento da diversidade étnico-racial presente na formação do Brasil e contribuir para a construção de uma educação mais inclusiva e igualitária. Quando essas leis são cumpridas de forma efetiva, seja pelas estéticas artísticas ou diversas, o letramento racial se torna uma realidade no desenvolvimento da função das leis, a exemplo disto o trabalho do professor Wellington Oliveira, presente nesta pesquisa, que aborda as temáticas históricas, políticas e sensíveis das questões raciais de forma aprofundada e interdisciplinar gerando de fato conhecimento teórico e consciência racial em sala de aula, com abordagem de autoras negras e autores negres e negros e com espaço de diálogo franco sobre as percepções raciais da realidade com os estudantes.

CAPÍTULO 2 - O LETRAMENTO RACIAL É SEMENTE QUE GERMINA

O conceito de racismo como um imaginário social, moldado por representações, imagens e estereótipos que sustentam desigualdades e opressões é mantido e reforçado por meios de comunicação, cultura e educação, operando estruturalmente em todas as esferas da sociedade. Neste contexto, a raça surge como um marcador social que influencia profundamente a realidade dos indivíduos negros, perpetuando estereótipos e limitando oportunidades.

O capítulo aborda o conceito de “letramento racial” como ferramenta educacional para reconhecer e desafiar essas estruturas de poder e práticas discriminatórias. Silvio Almeida, referência do capítulo, argumenta que o racismo não é um fenômeno isolado, mas uma ideologia institucionalizada, sendo reforçado pelo sistema educacional. Assim, o letramento racial permite educar para a transformação social, possibilitando que a escola rompa com a reprodução do racismo. É defendido, então, que práticas pedagógicas antirracistas, incluindo a representatividade de professores negros e o diálogo em sala de aula, são urgentes e necessárias para construir um imaginário social mais justo.

2.1 RACISMO: UM IMAGINÁRIO DO BRANCO NA REALIDADE DO NEGRO

O imaginário social, influenciado pela mídia, educação e cultura, sustenta-se em duas dimensões: institucional e ideológica. Enquanto o racismo estrutural permeia todas as esferas da sociedade, o imaginário social reforça narrativas de unidade ideológica, mantendo a coesão social.

A raça, como marcador social, desempenha um papel crucial na perpetuação do racismo. A autora, referenciada por pensadoras e pensadores negros, aborda a autoafirmação negra como resposta às imposições racistas. O racismo, como conflito, mantém a divisão racial e se perpetua por estratégias subjetivas no imaginário social, conceito proposto pelo historiador polonês Borislav Baczkó, e campo de pesquisa do sociólogo francês Pierre Bourdieu (Magalhães, 2016, p. 93), é um conjunto de representações, ideias, imagens e símbolos compartilhados por um grupo ou sociedade, podendo influenciar as atitudes, comportamentos e expectativas das pessoas em relação a si mesmas e aos outros. Segundo o pesquisador Baczkó Moraes assinala que é por meio do imaginário que se podem atingir as aspirações, os medos e as esperanças de um povo.

Na Educação, abordagens pedagógicas que valorizem a diversidade e promovam o diálogo são essenciais para combater o racismo. A representatividade de professores negros e

a formação continuada são fundamentais para abordar questões raciais de forma adequada. A Educação Bancária descrita por Freire (1970), caracteriza-se pela relação em que há um sujeito narrador – o educador – e vários objetos ouvintes, os educandos. Sob essa visão, os educandos são tratados como recipientes vazios em que o educador deve depositar os conteúdos e desconsidera as experiências dos alunos, contribui para a perpetuação do racismo. Para isso, o Letramento Racial é apresentado como uma abordagem educacional que capacita os indivíduos a reconhecer, analisar e desafiar as estruturas de poder que perpetuam a desigualdade racial. Por meio de práticas educativas, como a inclusão da temática racial nos currículos e a promoção de debates em sala de aula, é possível desenvolver o letramento racial e promover uma sociedade mais justa e inclusiva.

Para Almeida (2019), o racismo constitui todo um complexo imaginário social que a todo momento é reforçado pelos meios de comunicação, pela indústria cultural e pelo sistema educacional. Ele reforça que a politicidade do racismo apresenta-se, basicamente, em duas dimensões, na dimensão institucional que se refere às leis e dinâmicas institucionais que anulam pessoas pretas de espaços e sistemas e na dimensão ideológica, onde na segunda dimensão, ele diz que para manter a coesão social diante do racismo o Estado produz narrativas que acentuam a unidade social, apesar de fraturas, como a divisão de classes, o racismo e o sexismo, dessa maneira apresentando uma incessante proposta de imaginário social de unificação ideológica, cuja criação e recriação será papel do Estado, das escolas e universidades, dos meios de comunicação de massa e, agora, também das redes sociais e seus algoritmos (Almeida, 2019, p. 36).

Dessa forma, o racismo se perpetua no imaginário da sociedade brasileira, estabelecendo os estereótipos necessários à opressão e molda a forma como as pessoas percebem o mundo e são percebidas no mundo. Determinando a realidade de quem tem “raça”, durante toda sua vida. É importante ressaltar que o imaginário social não é uma representação objetiva da realidade, todavia uma construção simbólica e coletiva que pode variar de acordo com o contexto político, histórico, cultural e social.

[...] o que nos é apresentado não é a realidade, mas uma representação do imaginário social acerca de pessoas negras. A ideologia, portanto, não é uma representação da realidade material, das relações concretas, mas a representação da relação que temos com essas relações concretas (Almeida, 2019, p. 42).

Quando abordamos o conceito de "raça", este tem um papel crucial nas decisões políticas e econômicas, tornando-se um meticuloso elemento estruturante do que conhecemos

como racismo. Para Frantz Fanon, os brancos racistas criaram a noção da divisão de raças, enquanto estes reafirmam sua identidade negra como uma resposta às imposições racistas, construindo a negritude. Diante dessa realidade, a única saída, segundo Fanon, é a autoafirmação como negro, adotando a "máscara negra": "Uma vez que era impossível livrar-me de um complexo inato, decidi me afirmar como negro. Uma vez que o outro hesitava em me reconhecer, só havia uma solução: fazer-me conhecer" (Fanon, 2008, p. 108).

O racismo, como um conflito, cria e mantém a noção de raça e é um mecanismo que se sustenta, como já dito, por estratégias subjetivas no imaginário social, se reproduz e mantém as suas condições de violência.

A partir da leitura de Almeida (2019) é sabido que raça é um marcador social, um conceito cujo significado só pode ser recolhido em perspectiva relacional, ou seja, raça não é um delírio ou uma criação da cabeça de pessoas mal-intencionadas, é uma relação social que se manifesta em atos concretos, o autor relata os eventos da Segunda Guerra Mundial e o genocídio perpetrado pela Alemanha nazista como reforço do fato de que a raça é um elemento essencialmente político, sem qualquer sentido fora do âmbito socioantropológico.

Ainda em Almeida (2019), o racismo é sempre estrutural, ou seja, integra a organização econômica e política da sociedade de forma inescapável, sendo a manifestação normal de uma sociedade, e não um fenômeno patológico ou que expressa algum tipo de anormalidade. Desta forma, ele fornece o sentido, a lógica e a tecnologia para a reprodução das formas de desigualdade e violência que moldam a vida social contemporânea que tem a raça como fundamento, bem como se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes que culminam em desvantagens ou privilégios para indivíduos, a depender do grupo racial ao qual pertençam. Indo além ele escreve: "O racismo articula-se com a segregação racial, ou seja, a divisão espacial de raças em localidades específicas – bairros, guetos, bantustões, periferias, etc."

Compreende-se então que o racismo não é um quê dissociado da vida humana, logo que acaba por estruturar todas as nossas ações, relações e ambientes. Por consequência, compreender o racismo é um processo doloroso de perceber nossa própria sombra, dado que nos coloca tanto no papel de vítimas, quanto de agentes da violência, muitas vezes de forma inconsciente. A exemplo disso: o segurança de um shopping que é vítima de racismo por parte do patrão diretamente, acaba reproduzindo-o em seu ambiente de trabalho, tal cenário revela que o racismo não é um fenômeno isolado, mas que está inserido em uma formação ideológica que o sustenta ciclicamente.

2.2 FALAR DE RACISMO NA SALA DE AULA É UMA DEMANDA DE URGÊNCIA

Nos aproximando do que Augusto Boal e Paulo Freire defendiam sobre a transferência da consciência oprimida para a liberdade. Para combater o racismo na educação, é necessário adotar abordagens pedagógicas que valorizem a diversidade, promovam o diálogo, estimulem a reflexão crítica e incluam conteúdos que abordem a história, cultura e contribuições das pessoas negras. É importante, também, garantir a representatividade de professores negros e a formação continuada dos educadores para que possam abordar de forma adequada e inclusiva as questões raciais em sala de aula, aplicando atividades lúdicas e de diálogos interssetoriais com a turma. O contrário disso, corrobora com a ausência de diálogos racialmente aprofundados e sensíveis e impede a reflexão crítica sobre as estruturas de poder e as desigualdades sociorraciais presentes na sociedade.

Em uma palestra de formação sobre Educação e Racismo¹¹, em 2018, o teórico Silvio Almeida explicou que a concepção de raça atual ganha força a partir do século XVI, e se consolida no século XIX, com o fenômeno da modernidade sendo utilizado para segregar e diferenciar os indivíduos não europeus. A modernidade, por sua vez, fortemente marcada pela concepção também de formatos de Estado, Direito, Educação e em paralelo a isso, a interação com a colonização, escravidão e capitalismo em desenvolvimento, estabelece um controle da raça no imaginário social que se manifesta também no controle do gênero e da sexualidade.

O silenciamento da questão racial ao longo da história da educação revela a ineficácia desse campo como antídoto ao racismo e outros males sociais. Este pensamento de Almeida (2018), afirma que a educação desempenhou um papel determinante na criação e perpetuação do racismo. A noção de raça, enquanto conceito histórico, político e de poder adquire sentido variável dependendo do contexto em que é empregada, uma vez que a característica fundamental da raça é a perda da individualidade, sendo assim, são facilmente oprimidos. Ainda na palestra, Almeida¹² diz que ser branco é considerado ser universal, ideal, enquanto os não-brancos são segregados e individualizados.

O racismo e nossa autorrelação com a raça é o maior demarcador social brasileiro, tornando a vida de pessoas negras e pretas um verdadeiro inferno no nosso país. Após a afirmativa é importante o questionamento: como isso é abordado na sala de aula?

¹¹ ALMEIDA, S. Centro de Formação da Vila. História da discriminação racial na educação brasileira - Silvio Almeida - Escola da Vila 2018. YouTube, 26 de julho de 2018. Disponível em: https://youtu.be/gwMRRVPI_Yw.

¹² ALMEIDA, S. Centro de Formação da Vila. História da discriminação racial na educação brasileira - Silvio Almeida - Escola da Vila 2018. YouTube, 26 de julho de 2018. Disponível em: https://youtu.be/gwMRRVPI_Yw.

Ele ainda fala sobre o papel da educação na reprodução do racismo, que só pode ser transformador se for pensado em conjunto com a análise das relações econômicas, filosofia e economia política. A educação precisa ser compreendida como um projeto político recente de democratização pública da educação, pois apenas no século XIX e XX, com o Estado Novo, passou a ser concebida como um projeto nacional de formação política, antes desse período não havia uma política educacional estruturada.

Essa não acessibilidade na educação já determinava um recorte racial e de gênero forte no âmbito das instituições. A escola é uma instituição que desempenha um papel crucial nesse contexto, visto que a partir de interferências inovadoras pode-se romper esse ciclo de reprodução do racismo ou descartá-lo do debate para não o repensar. Essa interferência está condicionada a uma abordagem crítica na educação, considerando que a classe trabalhadora, na infância e juventude, passa diariamente várias horas na escola. Doravante de uma evolução crítica do pensar e fazer educação, a escola pode desempenhar um papel essencial, apesar de ser uma transformação a longo prazo, é preciso lutar.

A sala de aula é um ambiente de transformação social, assim como a política e o judiciário. Criar uma narrativa de disputa dentro da sala de aula contra o racismo é urgente, assim como nos espaços de poder e nas construções de leis no país. Na palestra/aula ministrada por Silvio Almeida na Escola da Vida (Almeida, 2018, https://youtu.be/gwMRRVPI_Yw), ele destaca a desigualdade como o problema central do Brasil. E argumenta que a Educação, atualmente, não é um problema em si, mas sim uma ferramenta que contribui para a manutenção desse problema primordial.

Dentro do contexto da Educação, diversos pensadores da educação crítica têm contribuído com suas ideias, como Paulo Freire, Florestan Fernandes, Darcy Ribeiro e Anísio Teixeira. Pensadores que questionaram as estruturas sociais e educacionais vigentes. Vale ressaltar que Anísio Teixeira, um dos criadores da escola pública no Brasil esteve à frente do Inep por 12 anos. Ele defendia a democratização do ensino e a transformação social por meio da educação¹³, foi assassinado, o que evidencia ainda mais os desafios enfrentados por aqueles que lutam por mudanças nesse campo.

Almeida (2018) ressaltava que a relação entre Sociedade e Estado é descrita como uma relação estruturante, na qual o Estado, enquanto instituição de poder, muitas vezes entra em conflito com a sociedade. No entanto, a solução para o racismo não é alcançada apenas com o fim das instituições, pois o racismo transcende essas estruturas da sociedade.

¹³ <https://www.gov.br/inep/pt-br/assuntos/noticias/institucional/saiba-quem-foi-anisio-teixeira>

No contexto brasileiro, a mudança em relação à questão racial requer abordagens sutis e violentas ao mesmo tempo, como exemplificada pela trajetória de André Rebouças, este que se formou como engenheiro na França e ao retornar ao Brasil resolveu o problema do abastecimento de água no Rio de Janeiro, sendo considerado o maior engenheiro da história do Brasil. No entanto, uma experiência nos Estados Unidos revelou a ele a dura realidade do racismo, quando foi impedido de permanecer no saguão de um prédio por ser negro. Após essa experiência, Rebouças liderou o movimento abolicionista no Brasil, que foi o maior movimento social da história deste país.

Retomando a escola, Almeida¹⁴ diz que a influência de pensadores e educadores durante todo referenciamento teórico acadêmico colaboraram com o fortalecimento do racismo na educação, vejamos alguns exemplos. Alberto Salles que, por exemplo, se baseia em Thomas Jefferson, afirmando que pessoas consideradas não aptas podem ser integradas à república por meio da educação. Ele acredita que a educação tem o propósito de “civilizar” as pessoas e considera que a desigualdade é resultado de diferentes patamares evolutivos.

Nina Rodrigues é outro pensador que colaborou com o racismo na esfera educacional, e foi “considerado por historiadores e memorialistas da medicina no Brasil como o principal responsável pela elevação da medicina legal à condição de especialidade e disciplina científica”. Então ele diz: “o Brasil só se tornará uma nação verdadeira se eliminar a influência africana”.

Já Gilberto Freire é citado¹⁵ como representante de ideologias racistas, quando ele propõe, por exemplo, uma convivência harmoniosa entre oprimidos e opressores, enfatizando a necessidade de compatibilização entre o “negro feliz” e o “branco que manda”. O Mito da Democracia Racial¹⁶, que sustenta que o Brasil é um país livre de conflitos raciais.

Com essas contribuições de pensamentos racistas na educação, *como podemos aceitar dizer que a escola não é uma instituição racista?* O que nos cabe é conhecer essa realidade e construir novas narrativas de referenciamento para contrapor a atual e remodelar constantemente as interferências e violências raciais na vida de crianças, adolescentes e adultos no âmbito escolar, possibilitando que estes sejam protagonistas de sua própria história, sem medo e necessidade de conciliação com o opressor.

¹⁴ALMEIDA, S. Centro de Formação da Vila. História da discriminação racial na educação brasileira - Silvio Almeida - Escola da Vila 2018. YouTube, 26 de julho de 2018. Disponível em: https://youtu.be/gwMRRVPL_Yw.

¹⁵ALMEIDA, S. Centro de Formação da Vila. História da discriminação racial na educação brasileira - Silvio Almeida - Escola da Vila 2018. YouTube, 26 de julho de 2018. Disponível em: https://youtu.be/gwMRRVPL_Yw.

¹⁶Mito da Democracia Racial enquanto modo de representação/discurso que encobre a trágica realidade vivida pelo negro no Brasil. [...] Ou seja, apesar de sua denúncia em face das injustiças socioeconômicas que caracterizam as sociedades capitalistas, não se apercebem como reprodutoras de uma injustiça racial paralela que tem por objetivo exatamente sua reprodução/perpetuação (Gonzalez, 2020, p. 28).

Desta forma, o Letramento Racial é essencial para conscientizar os indivíduos sobre a estrutura e o funcionamento do racismo na sociedade, capacitando-os a reconhecer, criticar e combater atitudes racistas em seu cotidiano. No entanto, é sabido que professores externalizam lacunas em seu próprio letramento racial, o que dificulta a implementação de práticas pedagógicas antirracistas efetivas, sejam na utilização de Teatro do Oprimido, ou qualquer outra.

Assim, o racismo é uma construção estratégica que estrutura a sociedade ocidental contemporânea para manter uma dominação capitalista daqueles em que a exploração jamais deixou de ser uma realidade. A partir das compreensões de SANTOS (2022), o Letramento Racial é em poucas palavras: é uma abordagem educacional que pretende promover a consciência sobre questões ligadas à raça, racismo e discriminação racial. Essa modalidade de letramento visa empoderar os indivíduos para que eles sejam capazes de reconhecer e capacitar os indivíduos para reconhecer, analisar e desafiar as estruturas de poder e as práticas discriminatórias que perpetuam a desigualdade racial na sociedade. Essa forma de letramento tem como ferramenta a compreensão do passado para entender o presente de lutas raciais e a maneira como o racismo opera na sociedade.

O Letramento Racial pode ser desenvolvido por meio de diferentes práticas educativas: como a inclusão da temática racial nos currículos escolares, a promoção de debates e discussões em sala de aula, a leitura de obras literárias e o acesso a materiais audiovisuais que tratem das questões raciais para libertar o oprimido da opressão sensorial que o racismo lhe condiciona, e assim oportunizando um novo imaginário, possível a partir de novas experiências e percepções.

Letramento racial acontece de fato quando passamos a conhecer buraco em que estamos; quem está dentro do buraco; e compreender ferramentas a serem utilizadas, bem como, analisar formas de sair dele. Não somente, mas quando conseguir enxergar fora do buraco, compreender por que e por quem você estava naquele; com a ajuda de quem conseguiu sair dele; e como você pode ajudar os demais a sair também. Ainda dentro desta analogia, saber identificar e acolher as cicatrizes e feridas que ficaram para sempre no corpo e na mente, desde as memórias do buraco, bem como do esforço na subida. E para democratizar esse processo à população negra no nosso país é urgente que se desenvolvam diálogos capazes de conduzir ao letramento racial na sala de aula de formas orgânicas, metafóricas e críticas.

CAPÍTULO 3 - ESTUDO DE CASO DA CIA DO IMAGINÁRIO: SALA DE RECURSOS DE ALTAS HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO DE PLANALTINA - DF

O capítulo a seguir descreve a experiência da CIA do Imaginário, uma sala de recursos de Altas Habilidades/Superdotação em Planaltina, DF. Integrado ao Atendimento Educacional Especializado (AEE) da Secretaria de Educação do Distrito Federal (SEEDF), o programa atende alunos encaminhados pelas escolas, selecionados com base em comportamentos indicativos de altas habilidades, que participam de atividades semanais no contraturno escolar. Com uma equipe multidisciplinar, a CIA do Imaginário adota a concepção de Altas Habilidades/Superdotação de Joseph Renzulli, visando estimular a investigação, experimentação e desenvolvimento de habilidades dos alunos, especialmente nas Artes Cênicas.

Em 2022, os alunos da sala de recursos de Altas Habilidades, parte da CIA do Imaginário, encenaram a peça "Quarto de Sonhar – Carolina Maria de Jesus", retratando a vida da autora e abordando questões de injustiça social e racismo estrutural. Dirigida por Wellington de Oliveira, a produção contou com a participação de 30 alunos de diversas escolas, escolhidos por seu potencial artístico. O processo de criação incluiu pesquisa e exploração sobre a vida da autora, culminando na estreia da peça no Complexo Cultural de Planaltina.

O início da realização prática desta pesquisa com uma turma de alunos da "Cia do Imaginário" em 2023, coordenada pelo professor Wellington Oliveira. A metodologia interventiva incluiu abordagens temáticas e reflexões sobre o letramento racial, com observações e coleta de dados para analisar a interação entre os alunos negros e não-negros. A pesquisa adotou uma abordagem de pesquisa-ação¹⁷, uma abordagem de investigação que utiliza técnicas de pesquisa para melhorar a prática, e que se caracteriza por ser dinâmica, flexível, participativa e coletiva, combinando ação e reflexão para promover a escuta verbal e não verbal na análise dos resultados. Por fim, cartas dos alunos foram utilizadas para coletar depoimentos sobre as questões raciais abordadas no contexto educacional e artístico da pesquisa.

A sala de recursos de Altas Habilidades/Superdotação integra o Atendimento Educacional Especializado (AEE) e é ofertado pela Secretaria de Educação do Distrito Federal (SEEDF). Atualmente, funcionando no CEP Escola Técnica de Planaltina, a Sala de

¹⁷ O termo foi criado em 1946 pelo pesquisador Kurt Lewin, nos Estados Unidos, para integrar minorias étnicas à sociedade.

Altas Habilidades atende, aproximadamente, 220 estudantes de escolas públicas e privadas de Planaltina, DF, e regiões próximas.

Os estudantes são encaminhados, preferencialmente, pelas escolas em que estudam e passam por um processo de observação de comportamentos indicativos de altas habilidades. Ao serem matriculados os estudantes frequentam as atividades uma vez por semana, no turno contrário ao do ensino regular. Esse equipamento educativo conta com uma equipe multidisciplinar, composta por uma professora itinerante, psicóloga e professores de diversas áreas de conhecimento para atendimentos nas áreas acadêmicas e de talentos artísticos. Sendo os talentos artísticos subdivididos em: Artes Visuais e Cênicas.

A concepção de Altas Habilidade/Superdotação aqui descrita é de Joseph Renzulli (1986)¹⁸, que define o estudante com tais capacidades quando apresenta comportamento de Altas Habilidades/Superdotação dentro de um conglomerado de traços, dentre os quais: habilidade acima da média; criatividade e envolvimento com a tarefa que seria a motivação. O autor acredita que é na interação desses traços que o comportamento citado se desenvolve. A pesquisa aborda esta concepção por ser um teórico de grande relevância no cenário mundial e pelo fato de a Secretaria de Educação do Distrito Federal - SEEDF utilizar todo o arcabouço teórico do autor em seus documentos oficiais (Santos, 2020, p. 25).

Por sua vez, a Cia do Imaginário, nome da turma de teatro do atendimento de Altas Habilidades de Planaltina, segundo o professor/diretor Wellington Oliveira, surge como possibilidade de abrir um espaço de investigação, experimentação artística e desenvolvimento das habilidades dos estudantes. Foi lançado como um Laboratório de Altas Habilidades em Artes Cênicas, algo inédito no Brasil, pretendendo gerar um espaço inventivo para as produções teatrais desses jovens, contribuindo com a expansão do nosso imaginário social, cultural e artístico. Assim, a Cia do Imaginário pretende ser um catalisador dos projetos dos estudantes atendidos, articulando-os em produções teatrais coletivas pautadas por reflexões éticas, estéticas e comunitárias.

3.1 ESPETÁCULO QUARTO DE SONHAR – CAROLINA MARIA DE JESUS, EM 2022, EXEMPLO DE ARTE EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA

Em 2022 os estudantes da sala de recursos de Altas Habilidades, Cia do Imaginário, apresentaram o espetáculo “Quarto de Sonhar – Carolina Maria de Jesus”. A peça foi exibida pela primeira vez ao público no dia 14 de dezembro, às 15h e 20h, no Complexo Cultural de Planaltina (Avenida Uberdan Cardoso, St. Administrativo, Lote 02). A obra conta a história de

¹⁸ Joseph Renzulli conceituou altas habilidades e superdotação em 1986, na sua Teoria dos Três Anéis.

luta e sobrevivência de Carolina Maria de Jesus, uma das mais importantes escritoras brasileiras.

Durante o processo de criação da peça os integrantes da CIA, através de pesquisas e leituras acabaram por descobrir fatos interessantes sobre a vida da autora, cantora e poetisa, abordando assim os processos de apagamento da sua obra e o silenciamento de uma voz que denunciava o sofrimento e a miséria que marcaram a realidade da favela em sua época.

O espetáculo fala de um país marcado pela injustiça social e pelo racismo estrutural, sem deixar de esperar um sonho de um futuro mais digno para todas as humanidades desse mundo. A peça contou com um elenco de 30 estudantes de diversas escolas, encaminhados para o atendimento especializado de Altas Habilidades, mais uma vez, por apresentarem notório potencial artístico no campo das Artes Cênicas. A ficha técnica do espetáculo tem como direção e encenação: Wellington de Oliveira; dramaturgia e provocação cênica: Jonathan Andrade; elenco: Alice Andries, Ana Beatriz Alves Figueredo, Ana Beatriz Sotéra, Anna Luiza di Pierro, Arthur Amaral, Beatriz Brito, Beatriz Kauane, Caline Fernandes, Eduarda Marra, Esther Louise, Gabriela Lourenço, Henrique Mendes, Iasmin Oliveira, Isabella Lemes, Isaque Abreu, Letícia Natally, Letícia Bezerra, Lis Maria, Manu Machado, Mayra Elloá, Natália Melo, Nathalya Isis, Naylla Loiola, Pedro Henrique Gomes, Rhafaela Vilela, Sara Bazilio, Thay Dantas, Tiago Januário; preparadora musical: Caroline Bessoni; coreógrafo: Leandro Lira; músicos: Gamaliel Ghuelli, Igor Vinicius, Nick Die; designer: Cleyton Santos; sonoplasta: Mayrla Silva; projeções: Robertson Oliveira; psicóloga: Luanna Moura; professora itinerante das Altas Habilidades: Francinéia Soares¹⁹.

O trabalho perpassa uma proposta pedagógica de um ano letivo onde o professor Wellington iniciou toda a didática a partir do desenvolvimento de uma atividade chamada, por ele, “Mapa Da Vida”, atividade que permite o professor conhecer as histórias de vida dos alunos, seu caminho/vivência até chegarem ao teatro, suas experiências e talentos artísticos e recortes sociais e políticos. Esse método o professor Wellington Oliveira aplica em suas turmas com inspiração em outros métodos que corroboram com sua própria formação docente. Essa atividade possibilitou que o professor percebesse que os alunos tinham uma proximidade com a música e a dança, o que desaguou no desejo de montar um espetáculo musical que por fim deu vida a “Quarto de Sonhar - Carolina Maria de Jesus”. Nas Figuras 2 e 3 pode-se observar “Mapas Da Vida” feitos em 2022 pela Cia do Imaginário.

¹⁹SINPRO-DF. Espetáculo Conta História de Luta e Sobrevivência de Carolina Maria de Jesus. Planaltina, 14 de dezembro de 2022. Disponível em: <https://www.sinprodf.org.br/>. Acesso em: 29 jun. 2023.

Figura 3 - Alunos compartilhando seus mapas da vida (a e b)



Fonte: Wellington Oliveira (2022).

O formato musical da peça surgiu como resposta aos anseios dos alunos a partir de debates sobre racismo, além da missão de recontar a vida de Carolina Maria de Jesus. Discutir o racismo estrutural, periférico, feminismo negro e sonhos também pautaram a pesquisa e rodas de conversa e planejamento (Figura 4).

Figura 4 - Mandala de possibilidades literárias/acadêmicas (a e b)



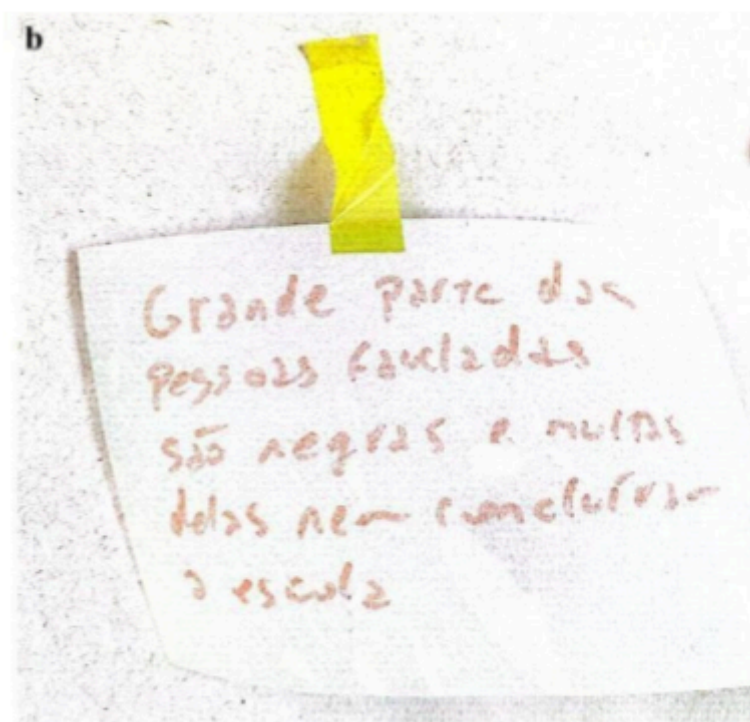
Fonte: Wellington Oliveira (2022).

A diante em uma etapa posterior, a escolha de homenagear Carolina no espetáculo, se deu porque os alunos desenvolveram pesquisas e estudos sobre a escritora e temáticas relacionadas aos seus campos de conhecimento (Figura 5). Oliveira propôs uma atividade de *brainstorming*, ou nuvem de ideias, e a partir dessas pesquisas e da apresentação de uma mandala de possibilidades literárias/acadêmicas de escritoras e escritores que compactuam da mesma cosmovisão antirracista, se definiu as temáticas e poéticas do espetáculo.

Esse aprofundamento sutil e objetivo dos diálogos raciais através do trabalho cênico acende a esperança de expandir essa experiência transformadora através do teatro. Fazendo-se cumprir de fato as leis afirmativas de reparação histórica. E como diz a música "*Carolina Maria de Jesus*" de Wanderson Lemos, "[...] Carolina plantou uma semente/ a semente danou a germinar/ Conceições, Marcelinas, Djamilas, Marielles/ mulheres a lutar."

Figura 5 - Produção do Brainstorming ou Nuvem de Ideias (a,b,c e d)





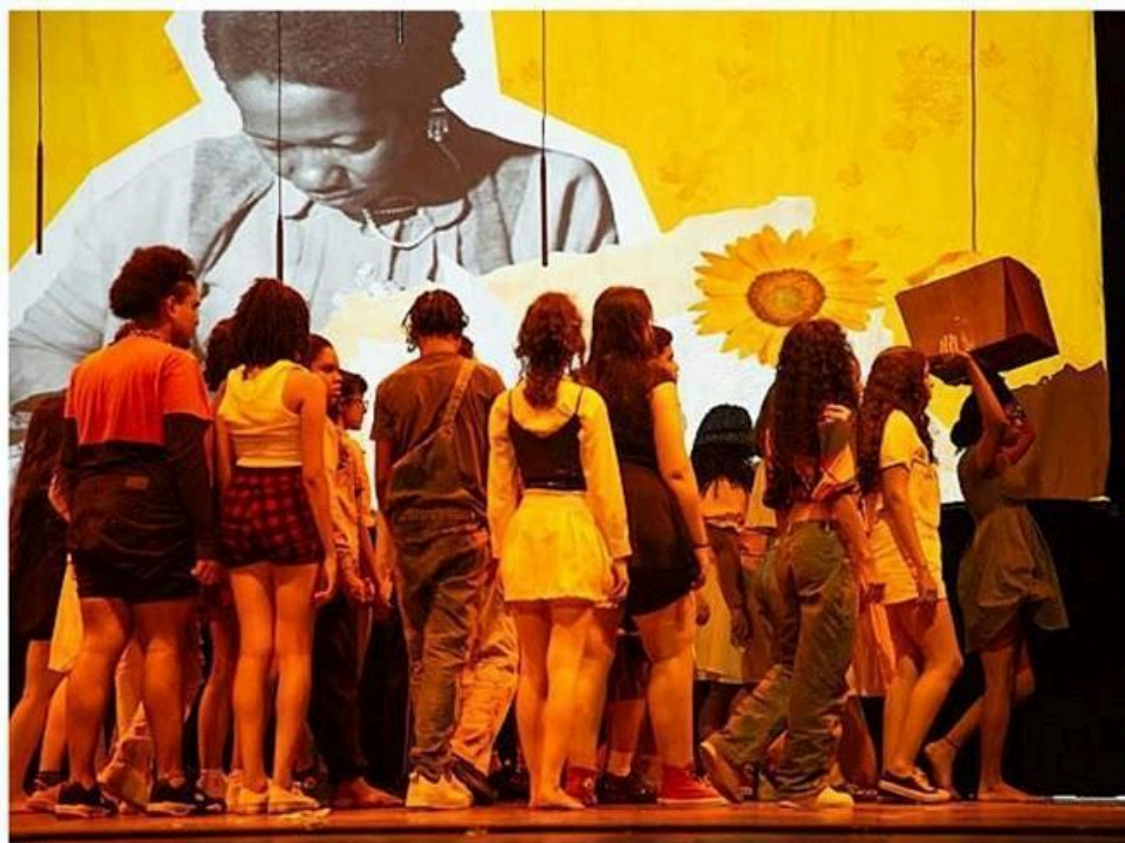
Grande parte das pessoas faveladas
são negras e muitas delas nem
concluíram a escola





Fonte: Wellington Oliveira (2022).

Figura 6 - Imagem da matéria do Brasil de Fato



Adolescentes atuam no espetáculo, dirigido pelo professor Wellington de Oliveira – Foto: Gustavo Bays

Fonte: Gustavo Bays.

O espetáculo teve uma segunda montagem em 31 de agosto e 01 de setembro de 2023 no Complexo Cultural de Planaltina, na mídia Brasil de Fato o jornalista e professor da Universidade de Brasília, Rafael Villas Bôas, escreve sobre o espetáculo:

“Quarto de Sonhar”, começamos assistindo um cenário em formato de sala de aula, com carteiras e estudantes sentados que, de repente, se transforma em um palco, por meio do qual performam em cena adolescentes com notável desempenho cênico, pensando e encenando a história de uma das mais emblemáticas artistas brasileiras. Carolina Maria de Jesus, por meio das linhas escritas, dos diários e das ficções que escreveu, pavimentou caminhos, por meio dos quais estamos construindo um país em que hoje temos mulheres negras e indígenas como ministras da Cultura, da Igualdade Racial, dos Povos Indígenas. Se a escritora não usufruiu dessas possibilidades, ela certamente ajudou a criá-las.

É visível ao público e aos envolvidos no processo, o quanto a estética do som, imagem e palavra permeiam todo o espetáculo como códigos que se encaixam numa equação para gerar um resultado. Resultando na obra pautar temas tão profundos do racismo estrutural e violências sociorraciais no nosso país de forma metáfora, estética e poética, dando vida a uma expansão de consciências, não apenas para quem atuou e, ou, construiu o processo de montagem, mas também para quem assistiu a obra; para a comunidade de Planaltina/DF, para os alunos que puderam ir ao teatro apreciar a peça, para os pais, professores e profissionais presentes nestes momentos mágicos de encenação e aula. E é com este entusiasmo que defendo a força histórica da ação antirracista da montagem e apresentação do espetáculo “Quarto de Sonhar – Carolina Maria de Jesus” na realidade arte-educacional da região.

3.2 RELATANDO MINHAS EXPERIÊNCIAS INICIAIS COM A TURMA PARTICIPANTE DA PESQUISA, A CIA DO IMAGINÁRIO

No início de 2023, comecei a elaborar a presente pesquisa com a turma que teria aula nas segundas-feiras. Após o alinhamento necessário com o professor Wellington Oliveira, me apresentei para a turma e expliquei sobre o desejo de desenvolver com eles uma pesquisa que culminaria no meu Trabalho de Conclusão de Curso.

Após uma aula sobre Teatro do Oprimido ministrada pelo professor, e vendo a oportunidade de caminhar por esse sentido, iniciei as intervenções com jogos e exercícios de TO. A primeira atividade que executei com as alunas e alunos consistiu em um jogo de assimilação de nomes, onde trabalhamos o exercício de concentração. Posteriormente, foram propostos alguns jogos com o intuito de promover a quebra do gelo entre os participantes, um destes jogos visava a organização em grupos com base na identificação de características semelhantes, sendo solicitado que expressassem o que percebiam de semelhante uns nos outros.

Surpreendentemente, um dos colegas não encontrou nenhum grupo, uma vez que era o único homem e pessoa gorda da turma. A partir dessa resposta, foi iniciada uma discussão sobre características estéticas, raça e características imateriais. No diálogo foram identificadas diversas semelhanças entre os participantes, para além das características físicas, revelando-se um momento interessante para se conhecerem melhor e desconstruir algum sentimento de discriminação subjetiva.

Outro jogo realizado foi denominado "Sons da sua rua", inspirado no jogo exercício “Sons da Floresta” (Boal, 1998), no qual os participantes eram encorajados a compartilhar os sons característicos de suas respectivas regiões. Surpreendentemente, alguns deles

mencionaram sons relacionados ao uso de drogas e disparos de armas de fogo. Esse momento proporcionou uma oportunidade interessante para levantarem questões relacionadas à ausência do estado nas localidades onde esses jovens residem, consciência social e à falta de oportunidades.

O “Autorretrato Coletivo Falado”, inspirado no jogo exercício “Autorretrato Falado” (Boal, 1998), proporcionou à aula o espaço para falarmos sobre as nossas semelhanças como indivíduos de um mesmo território e classe social e da importância de nos unir como seres coletivos, maior do que as diferenças que nos separam.

A aula obteve êxito, uma vez que os alunos demonstraram alta participação e envolvimento, contribuindo de maneira significativa para o diálogo proposto. Além dos alunos, a presença ativa da psicóloga escolar e do professor regente enriqueceu o debate.

Através das discussões realizadas, foi possível identificar uma dificuldade comum que permeia os sonhos dos participantes, que é a falta de oportunidades. Foi observado então que a maioria dos sonhos manifestados pelos alunos estão associados ao desejo de alcançar o sucesso na vida. Nesse contexto, foi introduzido o conceito de ser bem-sucedido e o fenômeno do fetichismo de consumo, conforme concebido pelo pensador Karl Marx. Essa abordagem permitiu uma reflexão mais aprofundada sobre os valores e perspectivas relacionados ao sucesso, bem como sobre a influência do consumismo na sociedade contemporânea.

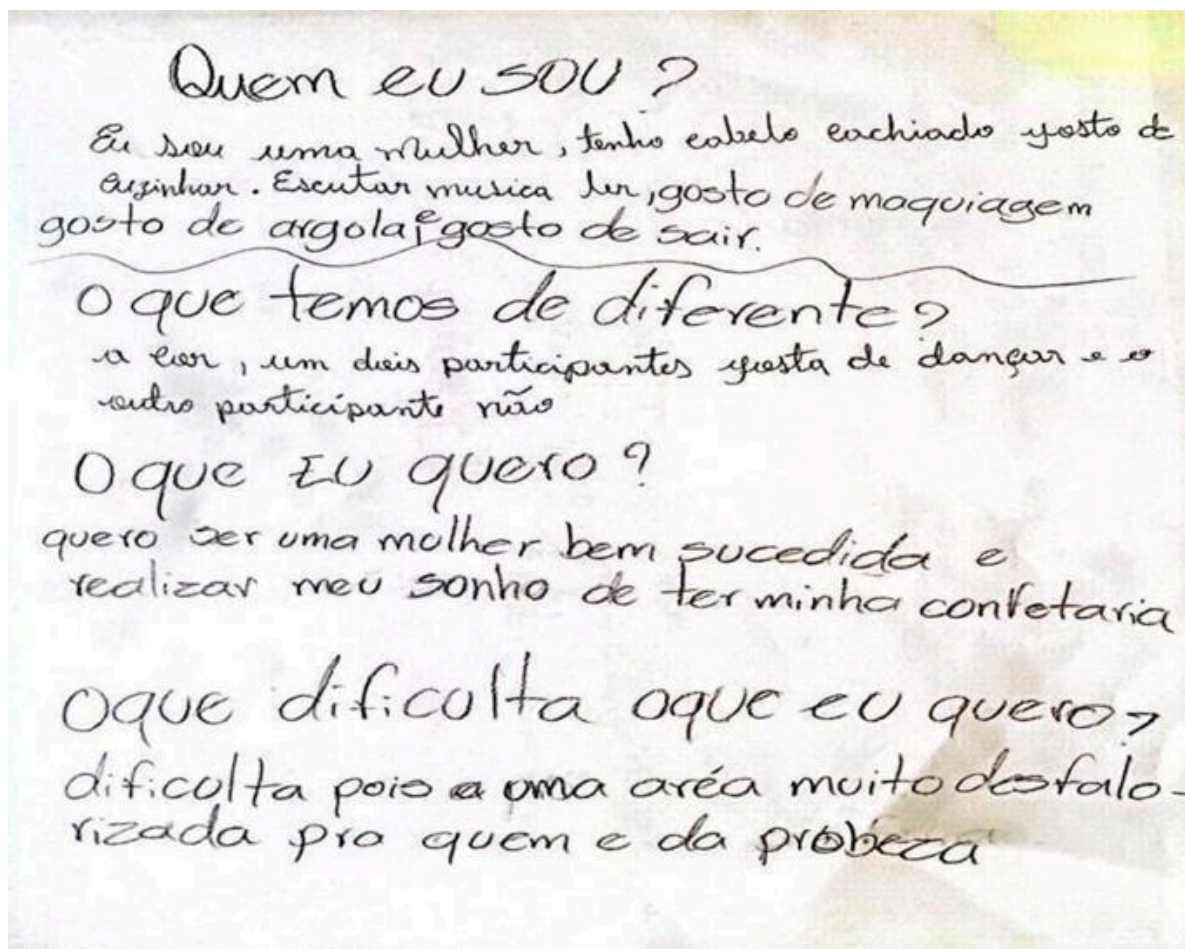
A metodologia utilizada envolveu a divisão da turma em duplas e um trio, com o objetivo de proporcionar um tempo para que cada grupo respondesse às seguintes questões: "Quem eu sou?", "O que eu quero?" e "O que dificulta a realização do meu sonho?" (Figura 7), essas perguntas visaram promover uma análise pessoal sobre as próprias limitações e opressões, seguindo a referência do Estética do Oprimido.

No entanto, nesta abordagem coletiva proposta, a intenção foi ir além, buscando estimular os participantes a refletirem sobre os sonhos coletivos que podem compartilhar como coletivo social, em vez de focar apenas em si mesmos. A ideia era que o diálogo se concentrasse no “ser coletivo”, explorando possíveis sonhos e desafios comuns enfrentados pelo grupo. Essa dinâmica coletiva permitiu ampliar a discussão e promover reflexões mais abrangentes, voltadas para o contexto e os anseios sociais compartilhados pelos participantes.

Esta etapa inicial do projeto consistiu em realizar exercícios de aquecimento e concentração utilizando técnicas do Teatro do Oprimido. Essas atividades foram desenvolvidas com o propósito de preparar os participantes para as dinâmicas de pesquisa subsequentes, que já haviam sido definidas como roteiro de pesquisa. Em seguida,

procedeu-se a explicação detalhada da pesquisa/intervenções para a turma com a entrega de um formulário impresso, que a turma preencheria de acordo com o decorrer das atividades e a explicação da atividade denominada "Mapa dos Caminhos" (Figura 7).

Figura 7 - Uma das respostas do autorretrato coletivo fala



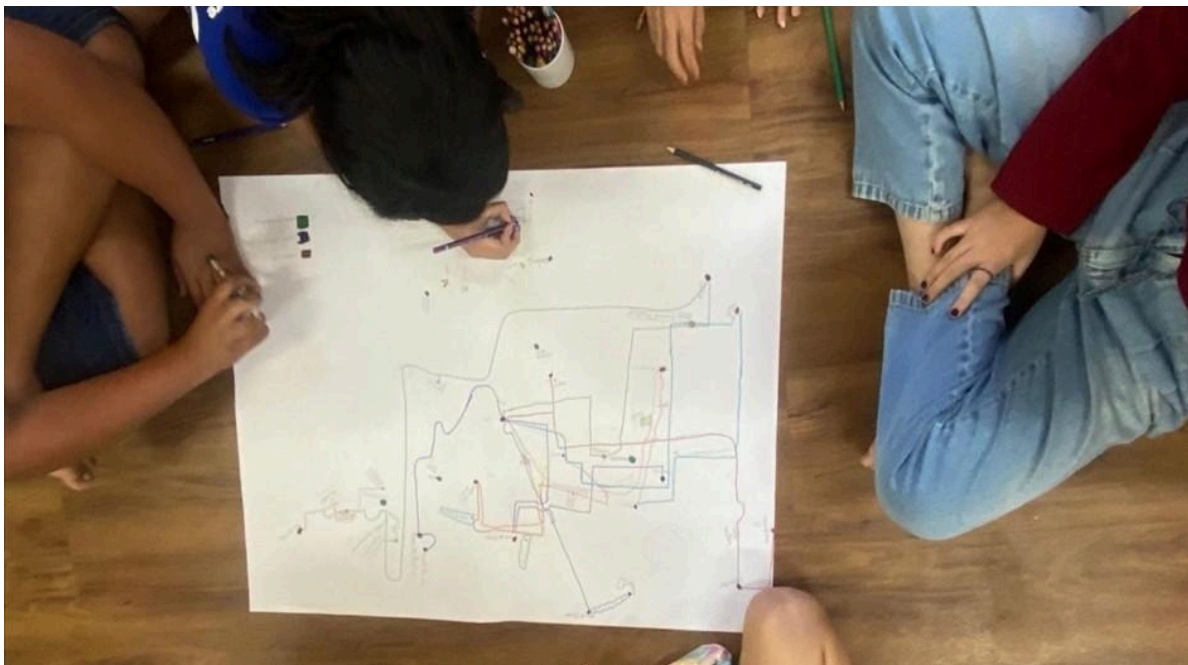
Fonte: Elaborado pela autora.

Na atividade "Mapa dos Caminhos", os participantes foram orientados a construir coletivamente um mapa representativo dos trajetos que percorrem diariamente, desde suas residências até a escola, levando em consideração o contexto geográfico da cidade de Planaltina, Distrito Federal. Além disso, foram incentivados a identificar e marcar no mapa pontos de referência de caráter cultural, turístico e comercial que fossem significativos para eles.

O objetivo principal dessa atividade foi o de promover uma reflexão sobre o espaço urbano e rural e suas conexões com a vivência cotidiana dos participantes, valorizando aspectos culturais, políticos e socioeconômicos presentes no percurso entre suas casas e a escola. A construção coletiva do mapa permitiu que os participantes compartilhassem suas

experiências individuais e coletivas, possibilitando uma maior compreensão das relações entre os espaços físicos e suas vivências pessoais (Figura 8). Esta atividade se desenvolveu por volta de um mês de encontros.

Figura 8 - Alunos construindo o mapa dos caminhos



Fonte: Elaborado pela autora.

Na sua execução eles trabalharam juntos para se localizarem na cidade, pensaram em pontos importantes da cidade para eles e dialogaram sobre o que veem em seus caminhos. De forma interessante, as imagens que mais apareciam eram: comércios e delegacias ou postos da Polícia Militar. Esta proposta permitiu percebermos também que poucos estudantes estudam perto de suas casas, possibilitando emergir na autopercepção de quem somos e onde estamos. Desta oportunidade de diálogo avançamos para a temática do racismo ambiental num encontro virtual com o professor Djiby Mané, onde foi explicado sobre Racismo Ambiental e desenvolvido um diálogo sobre as relações desse conceito com nossa própria realidade e com a obra *Morte e Vida Severina* (Figura 9).

Figura 9 - Card gráfico do encontro educativo



Encontro Virtual sobre

Racismo Ambiental

Troca de saberes e imaginários

CONVIDADO:

Coordenador dos projetos:

- Letramento racial nas escolas
- Programa de Iniciação à Docência (PIBID)
- Outros olhares e saberes sobre a África.



Djiby Mané

*Mestre e doutor em linguística
pela Universidade de Brasília.*

22/06 | 19:00h

ao vivo - Google Meet

ORGANIZAÇÃO:



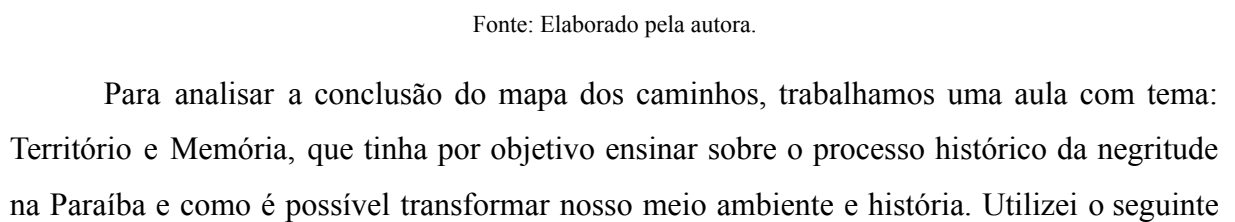
Mayrla Silva

*Estagiária pelo PIBID e estudante
da LEdoC em pesquisa ação.*

Fonte: Elaborado pela autora.

Posterior à atividade sobre racismo ambiental finalizamos o Mapa dos Caminhos com a análise de quais são os elementos presentes nos nossos espaços (material e imaterial) com relação ao racismo ambiental, a desvalorização da cultura e do protagonismo popular, além do hiper foco das famílias dos estudantes nos problemas do território, baixa adesão em conhecer as potências do território e aceitação da imutável condição de escassez do território, vinculados a uma historiografia étnico-racial das regiões: rurais e periféricas.

Cartografia completa



Fonte: Elaborado pela autora.

recurso: Artigo "Território e memória: a construção da territorialidade étnica da Comunidade Quilombola Grilo, Paraíba, de Maria Salomé Lopes Maracajá, de 2013". Após a formação de uma roda com os participantes da aula, fiz a leitura do resumo elaborado a partir do texto motivador e estimulei o diálogo e a troca de experiências sobre a percepção pessoal dos participantes em relação à história e ao papel do negro na sociedade brasileira, fazendo também uma reflexão sobre quem conta a história e a importância de resgatar memórias e perspectivas históricas não convencionais. Como diz Andrade (1987):

As revoluções que tiveram lugar no Brasil só penetraram na nossa história quando nelas estiveram implicadas pessoas de elite social — senhores de engenhos, proprietários de fazendas, intelectuais, altos funcionários civis e militares, etc. — enquanto as revoltas populares, aquelas que o povo participou ativamente, procurando conquistar os mais elementares direitos [...], só agora começam a ser estudadas, a despertar interesse de pessoas mais preocupadas com a dimensão social do problema do que com a glorificação dos heróis e mártires (Andrade, 1987, p.07).

A citação de Manoel Correia de Andrade, um dos principais pensadores das ciências humanas do Brasil, destaca a importância de estudar as revoltas populares e a dimensão social dos problemas históricos. Assim, abrimos uma discussão em grupo sobre a importância de estudar e valorizar as lutas populares na construção da história.

Referenciando o diálogo no artigo de Maracajá (2013. P.26), destaquei o Capítulo 1: "Paraíba negra sim, senhor: histórias e lugares de resistência", falando do papel do negro, dos escravizados e dos libertos na história do Brasil, fora do estereótipo de sofrimento e submissão. A fim, iniciamos o aprofundamento em duas insurreições ocorridas na Paraíba, como o "Ronco das Abelhas" e o "Quebra-Quilos", e suas relações com as áreas ocupadas por comunidades quilombolas.

Após esta etapa inicial e introdutória que provoca reflexões de: onde estamos, quem somos e o que nos oprime, utilizando a Estética do Oprimido para incitar tanto através do sensível, quanto do teórico tal resultado. Partimos para uma abordagem delimitada por um questionário impresso com temas levantados como relevantes para atribuir o aprofundamento pessoal e coletivo dos estudantes em questões raciais e sociopolíticas, e as respostas foram propostas em forma interdisciplinar e experimental.

3.3 ANÁLISE DA EXPERIÊNCIA DOCENTE EM PESQUISA JUNTO A TURMA PARTICIPANTE DA PESQUISA, A CIA DO IMAGINÁRIO

Após a fase inicial da pesquisa, dei início a etapa com uma metodologia interventiva com abordagens temáticas, por meio de atividades interdisciplinares que trabalhassem a estética do oprimido e levantassem debates reflexivos para o letramento racial.

A metodologia adotada para a realização desta etapa do estudo consistiu em uma pesquisa de abordagem qualitativa, com o objetivo de examinar uma experiência docente com estudantes negras, negres e negros e não-negros em duas etapas: observações iniciais, observações durante a experiência docente e uma análise final ao encerrar as intervenções. Para a coleta de dados foram feitas análises coletivas, registros fotográficos e de vídeo, a fim de registrar as dinâmicas de grupo com as atividades propostas, as reações dos estudantes e as possíveis contribuições para o desenvolvimento do letramento racial. Durante todos os encontros construímos diálogos coletivos com o objetivo de gerar insumos para as análises desta pesquisa, gerando relatórios da autora ao final das experiências. O questionário da pesquisa foi, inicialmente, sistematizado em sete temas: religião, cultura, origem das famílias, juventude, racismo, preconceitos gerais e pautas sociais, para a produção de um inventário da realidade, mas no decorrer do processo e na busca de desenvolver uma forma de abordagem realista, o questionário da pesquisa foi reduzido para três temas: cultura, origem das famílias e racismo. Estes foram chamados de eixos temáticos da pesquisa e sucederam a experimentação de forma interdisciplinares para o levantamento de dados e proposição de reflexões individuais e coletivas na sala de aula.

Pode-se analisar, também, esta pesquisa como uma pesquisa-ção onde há uma abordagem que combina ação e reflexão para promover melhorias em determinadas situações ou contextos. Os participantes colaboraram ativamente com a pesquisa e estão diretamente ligados com o tema em questão. Neste sentido foi possível observar os resultados e refletir sobre as experiências. A pesquisa-ação, geralmente, é aplicada em áreas como educação, saúde e desenvolvimento comunitário.

Antes de observar e analisar as atividades práticas, foi de extrema importância garantir que todos entendessem o tema e a atividade que iria ser abordada. Teve uma explicação objetiva e clara sobre cada um dos eixos temáticos, onde todo mundo teve espaço para expressar suas ideias e tirar dúvidas. Era ter certeza de que todo mundo se sentisse confortável e preparado para o que estava por vir. E para registrar e fortalecer a reflexão, foi preparado um questionário impresso (Figura 11) para que os alunos pudessem escrever suas próprias reflexões.

Figura 11 - Respostas escritas dos eixos temáticos: cultura, origem das famílias e racismo, pela aluna Beatriz Guimarães, 15 anos, moradora da Vila Buritis - Planaltina/DF (a, b e c)

a

Cultura local/costumes/lazer/festas/turismo/música ou expressões artísticas presentes

Cite 5 manifestações culturais do seu território.	folias religiosas, CARRETTAS CATÓLICAS, festas públicas de Casquinha, festa da lida
Quais artistas da sua comunidade você conhece?	WELINGTON OLIVEIRA
Cite 5 pontos turísticos do seu território.	
Cite 2 sabores que te lembram o lugar onde você mora.	SABORES CHURROS e GALINHADA
Quais festas são culturais do seu território?	Festa da divisa, Stejeita Santa!

b Origem das famílias

De onde seus avós são?	GOÍAS
De onde seus pais são?	DF
Quais as origens da raiz familiar?	TOCANTINS e DF

Como chegaram no DF? E por que vieram?	MEUS AVÓS COMPRARAM CASA E MORAVAM EM TOCANTINS, PORÉM MEU PAI QUANDO SE CASOU COMPROU LOTE NO DF, E MEU AVÔ CHEGOU AQUI POIS, PASSAVA UM TEMPO POR AQUI E UM TEMPO POR LÁ
--	--

C Racismo (religioso, ambiental, preconceitos e discriminação, institucional, estrutural e subjetivo)

O que é racismo para você?	Uma associação a existência de uma pessoa unicamente por sua cor
Você conhece as diferentes formas de manifestação do racismo? Quais você não conhecia?	? O que eu não conhecia é o ambiental Racismo estrutural, Bullying, e Racismo Religioso
Como o racismo afeta a vida da sua comunidade?	
Quais são as formas mais comuns de racismo que já presenciou ou vivenciou pessoalmente?	APESAR DE NÃO TER VIVENCIADO, JÁ VI DIVERSAS VEZES E ACREDITO SEREM BEM COMUNS Ex= Policiais implicando de forma que não implicaria se fossem com um Branco Ex= Gêneros, Salários, Colégio de Calçados, Traje de Estrela E racismo DISPARADO (Também sobre cabelo) "POR QUE NÃO FAZ AQUELES CACHINHOS PARA SEU CABELO PEGAR MAIS FORMA E FICAR MENOS CRESPI"
Quais são as principais instituições ou áreas da sociedade em que os participantes veem a presença do racismo de forma mais evidente?	Nas escolas, e em empresas
Quais são os desafios enfrentados na luta contra o racismo e na promoção da igualdade racial?	

Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Os três eixos e seus desdobramentos nas intervenções e a cultura são (Quadro 1 e 2):

Quadro 1 - Origem das famílias.

EIXOS E DESDOBRAMENTOS DAS INTERVENÇÕES	
EIXO TEMÁTICO	Origem das famílias: <ul style="list-style-type: none"> De onde seus avós são? De onde seus pais são? Quais as origens da sua raiz familiar? Como chegaram ao DF?

METODOLOGIA

A metodologia adotada nesta atividade para abordagem deste eixo temático foi a “contação de casos” de forma livre e individual. Ou seja, cada aluno contou para todo grupo, que assistia sentados à sua frente, a história das suas famílias de forma livre, buscando elementos que fugissem da realidade, porém se desligar do fato histórico da origem da família respondendo as quatro perguntas deste eixo.

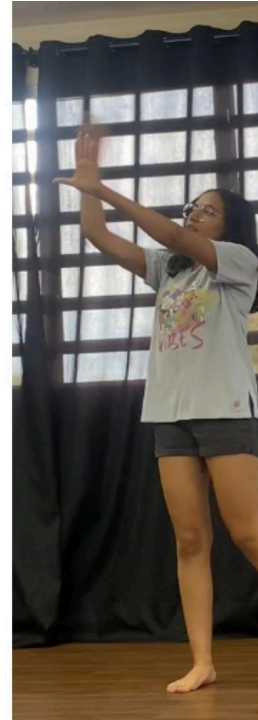
Após a contratação das histórias individuais surgiram várias situações cênicas e na segunda etapa da metodologia foi solicitado que cada alunos individualmente apresentem uma cena da história que contou para o grupo sobre as origens familiares. Ao final de cada improvisação cênica individual, o grupo foi provocado a se reunir e pensar coletivamente a sinestesia das cenas individuais para contar uma cena coletiva com elementos das origens familiares de todo grupo. Importante ressaltar que também foi solicitado que eles usassem sons para representar algum elemento da história de suas famílias e fizessem uma performance corporal em estátua, fotografando algum momento que os marcava muito.

REGISTROS

Contação do caso das origens familiares seguindo as perguntas do questionário:



Cenas individuais:



Cinestesia das cenas individuais para uma cena coletiva:



RESULTADOS	<p>Os resultados observados foram a aproximação do grupo com as histórias de vida do coletivo, a provocação das consciências dos alunos sobre as histórias de suas origens familiares e a improvisação de uma cena de sinestesia com elementos da estética do oprimido de som, imagem e palavra unindo a história de todos os indivíduos com coletivo.</p> <p>O resultado importante também desta metodologia foi que eles puderam propor formas não convencionais de contar um fato real, buscando experiências estéticas distintas.</p>
PERCEPÇÕES	<p>Durante a contação de casos no primeiro momento individual o cômico tomou espaço, os alunos buscaram usar elementos da graça para contar suas histórias de origens familiares.</p> <p>No segundo momento individual percebi que algumas das histórias traziam traços de sofrimento, violências, pobreza, machismo, racismo e, principalmente, traços da violência de gênero.</p> <p>Quando avançamos para a etapa da construção coletiva, uma cena da história familiar de uma das alunas tocou muito a aluna/atriz que chorou durante a cena, foi preciso parar a cena e o coletivo acolher a dor da colega para que ela continuasse a cena e eles conseguissem concluir.</p> <p>Notou-se que do cômico inicial da primeira reflexão das histórias de vida para sinestesia final, o peso da maturação dos fatos e das violências que passaram despercebidas por eles no primeiro momento, tornaram o clima sala de aula mais densa, muito reflexiva e críticas em relação à pobreza, ao êxodo rural para cidade, ao sofrimento das famílias em relação à violências, o sofrimento das famílias relacionados ao uso de drogas ao chegar nas periferias de Brasília, onde a maioria das famílias que evadiram do interior de Goiás e do nordeste brasileiros se encontravam hoje.</p> <p>Uma outra observação foi a dificuldade dos alunos de criarem imagens corporais para fotografar e marcar momentos na história. Porque as informações estavam sendo passadas com muita rapidez e agitação.</p>

Quadro 2 – Cultura.

CULTURA	
EIXO TEMÁTICO	<p>Cultura local/costumes/lazer/festas/turismo/música ou expressões artísticas presentes: Manifestações culturais do seu território.</p> <p>Artistas da sua comunidade você conhece? Pontos turísticos do seu território.</p> <p>Sabores que te lembram o lugar onde você mora.</p>

METODOLOGIA

Antes de iniciar a atividade de debater e posteriormente desenhar elementos que representassem as questões propostas pelo eixo temático: cultura, foi abordado em sala de aula dois encontros anteriores sobre as questões relacionadas ao turismo material e imaterial, valorização das imagens materiais e imateriais, como possivelmente a construção das imagens culturais dos nosso território eram mais valorizados quando construídas pelo capitalismo e o resgate do saberes tradicionais e culturais silenciados pela mídia e pelo racismo ambiental e estrutural.

Os alunos levaram para casa o questionário impresso e foi solicitado para eles que perguntassem aos pais, avós, vizinhança e familiares sobre as questões presentes no eixo do questionário, para que em seguida fosse organizado um dia de fazer a atividade do eixo em coletivo.

O formato da atividade era também da contação coletiva, porém com a transferência da mensagem.

A primeira etapa da atividade era que a turma se dividisse em quatro duplas e eles debaterem entre si quais elementos representavam cada questão para eles e escolhessem um elemento para representar a dupla em breve.

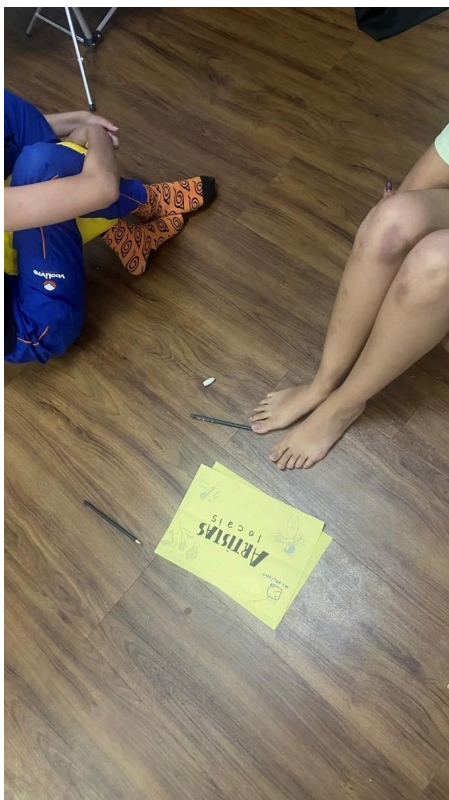
Em seguida os grupos trocavam a dupla, em giro, assim todas as duplas teriam contato com as respostas de casa dupla, tendo um representante da dupla móvel que coletava as informações e um parado que repassava a informação para os componentes das demais duplas, o intuito era que as duplas chegassem novamente aos seus parceiros se recordando de todas as informações que recebeu.

Após esta etapa, os grupos foram separados em duplas e começaram a fazer os desenhos de cada questão: Sabores, Artistas Locais, Pontos Turísticos e Manifestação Cultural. Com apenas 5 minutos por símbolo eles desenhavam nos cartazes os elementos daquela questão.

Assim todos os alunos puderam desenhar e puderam saber as respostas de todos os companheiros.

Por último, foi feita uma roda de debate onde eles compartilharam as respostas, às percepções sobre os territórios e os conhecimentos adquiridos, a partir das vivências dos outros, naquela atividade de rodízio de contação coletiva e desenho.

REGISTROS







RESULTADOS

O processo de coleta de dados nesta atividade revelou uma ampla gama de informações sobre a cultura de Planaltina/DF, a que os estudantes tinham acesso.

A representação gráfica dos elementos emergentes das respostas às questões propostas no Eixo Temático: Cultura revelou-se uma estratégia eficaz. O desenho destes elementos proporcionou uma representação das memórias de imagens relacionadas às nuances presentes nas respostas dos participantes, contribuindo significativamente para a compreensão e diálogo sobre o tema em estudo.

Em síntese, os resultados obtidos na intervenção de pesquisa destacam não apenas a riqueza dos conhecimentos coletivos apresentados, mas também as habilidades comunicativas e analíticas dos participantes.

PERCEPÇÕES

A habilidade demonstrada pelos participantes na transmissão de conteúdo foi notável, destacando-se não apenas a competência em comunicar informações, mas também a capacidade de ouvir e absorver o conteúdo apresentado pelo outro. Este aspecto ressalta a importância da fala e da escuta na construção de um conhecimento coletivo.

A agilidade manifestada pelos participantes durante a execução da tarefa de dialogar sobre os elementos culturais e desenhar uma imagem que o represente, evidencia a capacidade de analisar conteúdo e reproduzi-lo em outra linguagem. Além disso, a habilidade em pensar criativamente e traduzir conceitos para o sensível, revelou-se uma competência valiosa. É digno de nota que essas ações foram realizadas dentro de um cronograma previamente delimitado, demonstrando a eficácia dos participantes em lidar com desafios.

Ficou evidente, também, durante a atividade o descontentamento dos participantes com a pouca quantidade de oportunidades culturais presentes na região.

Quadro 3 – Racismo

RACISMO	
EIXO TEMÁTICO	<p>Racismo (religioso, ambiental, preconceitos e discriminação, institucional, estrutural e subjetivo):</p> <p>Qual é a sua compreensão sobre o conceito de racismo?</p> <p>Você conhece as diferentes formas de manifestação do racismo? Quais você não conhecia?</p> <p>Como o racismo afeta as vidas das pessoas?</p> <p>Quais são as formas mais comuns de racismo que já presenciou ou vivenciou pessoalmente?</p> <p>Quais são os desafios enfrentados na luta contra o racismo e na promoção da igualdade racial?</p> <p>Como você vê o papel da educação na desconstrução do racismo e na promoção de uma sociedade antirracista.</p>

METODOLOGIA

A metodologia adotada foi proposta pelo Wellington para atuarmos em parceria: ele com a atuação dentro da sala de aula por meio do teatro fórum, e eu com o eixo temático: racismo.

O intuito de unir a proposta de trabalho em sala de aula dele e o eixo temático da minha pesquisa, é levantar subsídios que respondam às questões levantadas pelo eixo temático, e que também possam concluir a pesquisa de acordo com o conhecimento que os alunos adquiriram ao longo do experimento de vivência do teatro fórum com o letramento racial.

Para a metodologia ser colocada em prática, foi elaborada uma apresentação da Estética do Oprimido, do Teatro Fórum, pois eles nunca tinham vivenciado o teatro do oprimido e nem conheciam a técnica do teatro fórum. Desta forma, foi escolhida, como metodologia, uma oficina pontual para a apresentação da técnica e a explicação do Teatro do Oprimido e a Estética do Oprimido.

A oficina consistiu em um exercício com a formação de uma roda cujo o intuito era experimentarem várias formas de dizer SIM e várias formas de dizer NÃO. Sempre que um aluno falava uma forma de dizer SIM ou NÃO, os demais repetiam.

Na segunda parte do exercício, pedimos para virem frases opressoras que eles já haviam ouvido, e da mesma forma como no primeiro instante, sempre que um aluno falava uma frase opressora, os demais repetiam. Aqui, pudemos observar que muitas frases relacionadas às atividades domésticas estarem sempre concentradas nas mulheres, surgiram com bastante frequência.

Outro tema que surgiu, foi o racismo, tanto na escola quanto em outros espaços. Como já estavam trabalhando com Carolina com as questões do racismo, resolvemos abordar o tema de uma maneira mais pontual.

A partir desses exercícios iniciais, começaram a desenvolver uma experimentação e ampliação do teatro fórum. Portanto, há grupos trabalhando a questão do racismo, que eu estou acompanhando, e outro grupo trabalhando com questões do machismo em casa.

No presente momento, estão na fase de modelagem da cena, trazendo a estrutura dramatúrgica do teatro fórum, para posteriormente poderem compartilhar e discutir o tema com as famílias.

REGISTROS

Ensaio dia 30 de outubro de 2023:



Ensaio dia 06 de novembro de 2023:



Eles conseguiram identificar violências raciais vividas por eles e decidir um caso para retratar a opressão racial na escola: Uma das colegas foi constrangida

	por colegas que alegavam que ela estava atrapalhando a aula com seu cabelo black-power uma vez que o mesmo atrapalhava que eles copiassem o quadro. A partir da definição do tema eles auto-organizam uma cena, e no último encontro já propor intervenções realistas para a violência no formato Teatro Fórum.
PERCEPÇÕES	<p>Durante a representação teatral, foi evidente o desconforto de uma das atrizes ao assumir o papel da figura oprimida. Tal desconforto pode ser atribuído à tendência de negar a identificação com o papel de oprimido, uma vez que essa negação pode aliviar a culpa sentida por ser vítima dessa opressão. O professor Wellington conseguiu transmitir a mensagem de que aceitar esse papel não significa conformidade, mas sim a força inicial para poder combater a opressão. Além disso, observou-se um desconforto por parte dos atores e atrizes que representavam os papéis de opressores.</p> <p>Um momento impactante na construção da cena foi a sugestão de uma das alunas de interpretar uma personagem que fica indecisa, em uma posição neutra, mas que, ao perceber que essa neutralidade a coloca do lado dos opressores, toma a decisão de intervir e recusar-se a prosseguir com a violência. Essa reflexão sobre a neutralidade revelou que permanecer em cima do muro implica, de fato, estar conivente com a opressão, levando a personagem a tomar uma posição ativa contra tal situação.</p>

Estes dados coletados foram extraídos por meio de relatório escrito após aulas e examinados por meio da análise de conteúdo, com o objetivo de identificar os principais temas e padrões presentes nas expressões dos participantes. Em todos os diálogos foram incitadas que eles apresentassem atravessamentos que perpassam suas questões culturais, políticas, raciais e territoriais.

Ao final das vivências/aulas com experiências, diálogos e emoções, pedi que os alunos fizessem uma carta sobre suas considerações finais sobre seus processos pessoais na Cia do Imaginário, para analisar também seus conteúdos como objeto final, foram analisadas quatro cartas para este presente trabalho, as escritoras e escritores das cartas apresentam interseccionalidade de gêneros e raças.

3.4 DA PESQUISA PARA A PALAVRA - CARTAS DE PERCEPÇÃO DOS ESTUDANTES

Nesta etapa final da nossa pesquisa, voltando à Boal enquanto o criador da Estética do Oprimido, trazemos a noção da palavra, junto ao som e imagem como base do seu método pedagógico teatral para alcançar uma consciência crítica e reflexiva através do auto reencontro com o corpo/pensamento sensível e do diálogo coletivo para a partir da

representação da realidade encontrarmos propostas possíveis para construção de uma realidade mais justa para a sociedade. A palavra se tornou o caminho a seguir, o meio de transporte neste trabalho e o direcionamento para onde estávamos caminhando em busca do desenvolvimento do letramento racial. A escuta foi uma das nossas principais aliada no decorrer dos encontros, as trocas verbais e não verbais do que as palavras são capazes de dizer, deram a esta pesquisa todo material de análise científica, bem como no campo da análise imaterial na percepção artística. A noção de percepção para esta pesquisa, da palavra que vem do latim “perceptione” que descreve o ato, efeito ou capacidade de perceber algo, deu a nós a liberdade de externalizar o que estava presente em nosso imaginário, está percepção pode estar mais ligado a escassez e o sofrimento ou à autoestima da potencialidade, que se refere ao fato do indivíduo reconhecer suas habilidades, talentos e potencialidades.

Feito esta introdução, as cartas dos estudantes apresentadas como atividade para coleta de depoimentos com objetivo de análise foram propostas em estilo livre, com tempo remoto, fora do espaço de aula para suas escritas, e provocando os estudantes a externalizar na palavra escrita as suas próprias percepções sobre as questões raciais no fazer artístico apresentadas neste trabalho. Após a leitura das cartas apresentarei uma análise final sobre o que podemos identificar do encontro artístico com o letramento racial partindo das palavras dos próprios estudantes.

Orientação para a carta: Escrever uma carta de forma livre contando para alguém sobre como foi para você a montagem do espetáculo “Quarto de Sonhar – Carolina Maria de Jesus” em 2022, como a montagem e apresentação te proporcionou conhecimentos novos, "quais?". Também conte sobre as aulas e intervenções que tivemos durante 2023, "o que achou", "qual te tocou mais" e "o que não gostou". Por fim, na carta, fale se você acha que desde sua entrada no teatro você desenvolveu alguma compressão nova sobre racismo e como você pensa em passar isso adiante. Não se preocupe com "certo ou errado", pense em contar para alguém tudo que aconteceu.

Esther Louise da Cruz Barreto, 13 anos, Monjolo - Planaltina/DF

Desde que entrei no teatro, aprendi muitas coisas, aprendi muito sobre os tipos de racismo, sobre culturas, o lugar que eu moro, aprendi também os detalhes do teatro, cada forma dele.

A montagem de Carolina foi algo muito importante, aprender sobre ela e poder fazer

as pessoas conhecerem alguém tão importante pra nossa cultura, toda a montagem ensinou um pouquinho de tudo. Foram momentos inesquecíveis com pessoas especiais.

Além de trabalhar com o espetáculo, tivemos as aulas da Mayrla, onde aprendemos sobre culturas, preconceitos, comidas, artistas e etc. O inventário trouxe várias perguntas para que possamos refletir sobre nossa cidade e conhecer nossa cultura. Tudo que fizemos foi extremamente interessante. Aprender mais sobre a cultura é um conhecimento incrível.

Iasmin Pereira de Oliveira, 14 anos, Arapoangas - Planaltina/DF

Olá, me chamo Iasmin, tenho 14 anos e faço artes cênicas na cia do imaginário.

Quando começou as primeiras aulas da montagem de Carolina, eu não acreditava muito que eu iria conseguir fazer o papel que o Prof. Wellington me deu, foi um processo muito demorado, mas ao decorrer do ano nós começamos a nos aperfeiçoar, e digo que o processo de montagem foi algo muito mágico para mim, apesar de várias broncas que levei, eu aprendi várias coisas que eu não sabia.

Na primeira apresentação do ano passado (14/12/2022), eu fiquei muito ansiosa antes da peça, mas quando acabou eu queria mais, por que foi muito bom, subir em um palco desse jeito, e é uma sensação maravilhosa de se sentir, e essa peça de Carolina me ajudou a compreender melhor algumas coisas sobre questões raciais...

E este ano estamos fazendo uma montagem de cena de teatro fórum sobre racismo na escola, e tá sendo bem divertido e interessante, tô aprendendo novas coisas. E participar disso me deixa muito feliz, acredito que vai ser mais uma peça incrível e que vai abrir muitas portas pra mim e para os meus colegas no futuro.

Thay Martins Monteiro Dantas, 14 anos, Sobradinho/DF

O espetáculo Quarto de Sonhar: Carolina Maria de Jesus, desde seu estágio inicial envolvendo o processo de criação textual, estudo do texto, trabalho de pesquisa sobre a autora, até o resultado final, que é a peça teatral propriamente dita, foi um processo riquíssimo em aprendizados e compartilhamento de experiências. Carolina Maria de Jesus, uma escritora tão importante para a literatura brasileira, infelizmente ainda é pouco conhecida pela população em geral, e é por isso que essa peça possui um significado e um

peso social enorme. Carolina, além de seu mais famoso exemplar "Quarto de Despejo", traz em suas obras pensamentos críticos e reflexões sociais de carácter crucial, fazendo com que nós, leitores e cidadãos, possamos enxergar o nosso país e sua atual estrutura de uma maneira diferente e mais realista. Carolina lidou com diversas adversidades durante sua trajetória como escritora, mas mesmo assim, coleciona feitos importantes, como sendo "a primeira mulher negra brasileira a vender 1 milhão de exemplares e ter sido best-seller em diversos países nos quais foi publicada", também mencionados durante o espetáculo. As obras de Carolina possuem algo que as torna atemporal, chegando aos palcos das discussões sociais. Carolina é, sim, uma personalidade imortal e sua história é inspiração para diversas escritoras negras Brasil afora.

O ponto forte do espetáculo está em homenagear e reverenciar todos os trabalhos realizados por Carolina, toda sua história e legado. Discussões chave, como a desigualdade social e o racismo estrutural enraizado no Brasil, tão presentes na vida de Carolina, são trazidos à tona e com força, para que possamos pensar sobre um futuro mais justo e igualitário. Uma das reflexões feitas durante a peça que, para mim, dizem muito sobre 'Quem foi Carolina Maria de Jesus?' é quando enfatiza-se a sua forma de luta, a escrita. "Carolina sempre soube a força da escrita, de se contar a história e de dar voz a sua própria história", frase presente em uma cena do espetáculo.

Além desse importante projeto, temos trabalhado também com o Teatro do Oprimido, mais especificamente na modalidade Teatro Fórum, novamente retratando o racismo como tema principal, dessa vez abordando-o dentro do ambiente escolar. É uma análise profunda, necessária. Às vezes, achamos que o racismo é somente uma ofensa direta, quando na verdade, se faz presente em todos os setores sociais, até mesmo na escola. Situações nas quais, uma aluna negra, por exemplo, é motivo de chacota por seus colegas de turma por conta de seu cabelo e a reação neutra de uma figura superior em sala de aula, o professor, mostra como esse inimigo consegue estar presente e passar despercebido por muitos de nós. O diálogo aberto sobre a discriminação racial precisa ser mais explícito e debatido no ambiente escolar, e fora dele também.

É preciso também colocar em pauta também a questão da autoestima, e como ela é importante para o empoderamento das mulheres negras. Grandes personalidades como Viola Davis, Mahalia Jackson, Marielle Franco, Carolina Maria de Jesus, Ruth de Souza e Léa Garcia são alguns exemplos de mulheres negras importantes, que sempre tiveram posicionamentos impactantes socialmente.

Ademais, o trabalho realizado pela Mayrla durante as aulas foi excepcional, muito

bem apresentado e singular. O desenvolvimento sobre a análise do nosso território, onde moramos e como funciona a estrutura social ao nosso redor foi uma abordagem diferente e única, promovendo uma observação e avaliação individual e coletiva do meio em que vivemos. O estudo e pesquisa sobre as tradições locais, os problemas dentro do nosso território e possíveis soluções, a discussão do desenvolvimento de políticas públicas voltados para a acessibilidade e para o acesso à cultura e lazer, tudo isso foi abordado de uma forma clara, envolvente e proveitosa. Foi posto em discussão também a questão do preconceito e das adversidades sociais presentes na nossa vida e no nosso território. Gostei muito do desenvolvimento desse trabalho, pois além de desbloquear uma vontade de entender mais sobre o nosso "cantinho", nos faz refletir e agir quanto às mudanças que queremos ver na sociedade. Um trabalho marcante, intrigante, célebre e que agrega muito nos conhecimentos individuais dos alunos.

Thiago Januário, 14 anos, Arapoangas - Planaltina/DF

Mayrla,

Para mim a montagem do espetáculo: Quarto de Sonhar Carolina Maria de Jesus foi muito importante para que possamos conhecer a história de vida e a luta de Carolina e de tantas outras mulheres pretas. Faz com que possamos conhecer de forma mais clara e aberta as lutas e resistências que vêm acontecendo nesse país. Cada passo que demos nessa pesquisa foi muito importante pra evolução pessoal de cada um que fez parte desse processo. Fez com que eu conhecesse muitas outras formas de preconceito, e entender que a luta é de todas/os/es

Nas suas aulas e intervenções o que mais me tocou foi a forma que você nos fez conhecer o nosso território, muita coisa eu não conhecia do meu território, fez com que eu entendesse como as coisas evoluem, e faz com que eu possa ver beleza no meu território. E também a aula na qual você pediu para que contássemos a história de origem de nossas famílias e o porque vieram para esse território e etc.

E por fim, eu também gostaria de falar a atividade de Teatro O Fórum, sobre o racismo dentro de sala de aula, essa atividade é um mar aberto de oportunidades para o público conhecer formas distintas de reagir com situações de racismo, opressão, homofobia, e tantos outros casos, levando as pessoas a entender que o teatro é um lugar de aprendizado,

é um lugar político, e formador de opiniões distintas. O teatro vai além de um roteiro, além de um figurino, além de um chão de madeira, teatro é um livro aberto para quem deseja conhecer esse mundo. Então penso que dessa forma estamos chegando, cada dia mudamos o mundo de jeito inigualável.

É perceptível um olhar sensível e afetuoso das e dos estudantes ao abordar o tema do espetáculo “Quarto de Sonhar – Carolina Maria de Jesus” e, também, ao falar da pesquisa desenvolvida. Significativamente, expõe a habilidade de reflexão e síntese construída em mais de um ano de trabalho do professor Wellington Oliveira, que atravessa o acolhimento de suas histórias de vida, apuração de seus repertórios teóricos e artísticos, debates, reflexões, trabalho técnico de teatro, incentivo ao palco para apresentação e respeito a suas trajetórias de progresso no percurso 2022-2023.

A pesquisa conclui destacando um aprimoramento na percepção das transformações pessoais dos estudantes, desde a montagem do espetáculo até a produção da última carta. Eles demonstraram uma maior absorção do conteúdo e uma capacidade crescente de externalizar suas percepções. Isso lhes permite reter na memória a ideia de um espaço onde possam experimentar a arte-educação antirracista, expressar suas vozes, trabalhar suas realidades por meio da representação e refletir sobre as violências raciais que enfrentam, tanto no ambiente escolar quanto em suas vidas e comunidades.²⁰ Como participantes do teatro-fórum, os estudantes demonstraram estar conscientes dos desafios que podem enfrentar e, por conseguinte, estão mais aptos a desenvolver soluções realistas para lidar com momentos de violência.

²⁰Segundo dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) Contínua, publicada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o número de pessoas negras, ou seja, que se autodeclararam pretas e pardas, constitui 56% do total da população brasileira em 2022 (IBGE, 2022).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O cenário do racismo em nossa sociedade tem demonstrado um avanço constante e exponencial ao longo do tempo. Contudo, paralelamente a esse avanço, também tem havido um progresso em termos de conscientização e formulação de legislações que visam mitigar os impactos que precarizam a vida das pessoas negras em nosso país. Apesar disso, o caminho ainda se mostra árduo para aqueles que se dedicam, em diferentes esferas, a combater o apagamento, a inferiorização, a marginalização e as violentas condições econômicas e sociais enfrentadas pelos indivíduos negros na sociedade.

Através da pesquisa bibliográfica possível, podemos constatar que a atuação de figuras negras notáveis, tais como Abdias do Nascimento, Lélia Gonzalez, Silvio Almeida, entre outras e outros, que dedicaram suas vidas à criação de mecanismos destinados a desassociar a ideia de escassez e subalternidade que o racismo atribui aos “não brancos”, foram fundamentais na busca por sua própria representação, aprofundando-os nos temas sociorraciais que a academia, a política e os setores de poder tendem a negar, estrategicamente, durante anos.

Neste embasamento teórico, identifica-se a imperatividade de criar espaços de análise voltados para a necessidade de combater o racismo na sociedade, que neste trabalho foca, especialmente, no contexto da arte e da educação antirracista, utilizando-se das experiências propostas pela Estética do Oprimido de Augusto Boal.

Quando me desafiei a compreender como uma prática pedagógica antirracista, embasada nos princípios da educação do campo e na estética do oprimido, pode se tornar uma ferramenta fundamental para capacitar estudantes a entender o racismo e a identidade negra, tanto individual quanto coletivamente, não tinha noção da quantidade de memórias, traumas e reconciliações identitárias insurgentes no decorrer da pesquisa e escrita.

Durante a pesquisa bibliográfica a quantidade de temas levantados tornou a manutenção do foco nesta pesquisa uma tarefa desafiadora. A delimitação dos eixos temáticos no questionário ajudou a concluir a pesquisa com objetos concretos para análise, sem deixar de levar em conta toda a trajetória inicial do grupo ainda na montagem do espetáculo "Quarto de Sonhar - Carolina Maria de Jesus", que transformou em dança “educativamente desestruturante” comportamentos escolares cotidianamente mecanizados.²¹

²¹A Estética do Oprimido busca redescobrir os ritmos internos de cada um, ritmos da natureza, do trabalho, da vida social. Não da hit-parade. A partir dos jogos A imagem da hora, Jogo das profissões, Máscaras e Rituais, [nota 6] podemos escolher qualquer atividade mecanizada das nossas vidas profissionais ou cotidianas e transformá-la em dança. Ver o que fazemos sendo dançado, além de ser um prazer, revela nossas mecanizações - algumas necessárias, outras absurdas (Boal, 2009, p. 204).

A análise bibliográfica realizada permitiu uma compreensão mais aprofundada sobre a manifestação do racismo estrutural na sociedade brasileira, considerando sua construção histórica e sua penetração no subjetivo da população. As referências exploradas ofereceram um panorama significativo sobre as dinâmicas do racismo, revelando sua presença em diferentes esferas e instituições sociais. O que foi crucial na construção teórica do entrelace dos elementos da Estética do Oprimido com a educação antirracista, revelando-se como uma abordagem consciente e transformadora para combater o racismo estrutural dentro do ambiente escolar, e interpessoal dos estudantes.

Ao unir esses elementos, a pesquisa oferece um acervo acadêmico que não apenas destaca a importância de abordar o racismo estrutural na Educação como conteúdo pontual e teórico, mas também a importância de oferecer recursos estéticos, sensíveis e interdisciplinares nos planejamentos de aula para implementar práticas educativas antirracistas mais conscientes no percurso pedagógico.

Isto porque, um dos apontamentos basilares deste trabalho é a urgência de fazer o caminho inverso da superficialidade do compreender a questão racial na sala de aula. Aprofundar-se na questão requer um trabalho que amplie o campo teórico com outras linguagens interdisciplinares de compreensão do tema, possibilitando o afastamento daqueles que estão recebendo o conteúdo do próprio conteúdo, para uma análise e internalização mais apropriada, possibilitando assim um letramento racial que permita de fato entender a questão racial como historicamente estruturante socialmente e ambientalmente no nosso país. E assim, repreender o racismo não dando prosseguimento inconsciente a sua manutenção.

Concluo, portanto, que a pesquisa possibilita observar que é possível integrar a Estética do Oprimido e a Educação Antirracista como uma via promissora para promover a compreensão, a consciência e o combate às manifestações do racismo estrutural, primeiramente, nas mentes e, posteriormente, no ambiente escolar e outros.

Este feito se observou através do trabalho cênico da montagem do espetáculo “Quarto de Sonhar – Carolina Maria de Jesus” e das aulas interventivas desta pesquisa. Esta observação com análise de resultado foi possível pela exposição a acervos e experiências relacionadas à racialização no ambiente da sala de aula de teatro, proporcionadas por meio de abordagens metafóricas da arte-educação conectadas às realidades dos estudantes e a interdisciplinaridade, contribuindo para um letramento racial. Permitir que estes estudantes possam conhecer a si mesmos e uma jornada em direção à construção de uma sociedade mais justa, equitativa e inclusiva para todas, todos e todos os indivíduos na luta contra o racismo como estrutural da sociedade atual.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, S. **Racismo estrutural**. São Paulo: Pólen Produção, 2019.

ALMEIDA, S. Centro de Formação da Vila. **História da discriminação racial na educação brasileira - Silvío Almeida - Escola da Vila 2018**. YouTube, 26 de julho de 2018. Disponível em: https://youtu.be/gwMRRVPI_Yw.

ANDRADE, M. C. de. **A questão do Território no Brasil**. São Paulo: Hucitec, 1987. Aula Magna: Ministro Silvío de Almeida. Produzido por Estúdio FGV EAESP. São Paulo: FGV, 2018. 1 vídeo (3 min). Disponível em: <https://youtu.be/DzVKmU4s8qU>. Acesso em: 09 de mar. de 2023.

BATISTA, M. S. Da luta às políticas de Educação do Campo: caracterização da educação e da escola do campo. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA DO NORTE E NORDESTE, 2014, Natal. **Anais [...]**. Natal: UFG, 2014, p. 1-16. Disponível em: <https://www.fe.ufg.br/nedesc/cmv/controle/DocumentoControle.php?oper=download&cod=956>. Acesso em: 12 fev. 2023.

BOAL, A. **Jogos para atores e não-atores**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

BOAL, A. **Teatro do Oprimido**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.

BOAL, Augusto. **A estética do oprimido**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

BOAL, Augusto. **Teatro do oprimido e outras poéticas políticas**. São Paulo, Cosac Naify, 2013.

BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, 9 de janeiro de 2003.

CALDART, R. S. Texto: Educação do Campo. In: CALDART, R. S.; PEREIRA, I. B.; ALENTEJANO, P.; FRIGOTTO, G. (orgs). **Dicionário da educação do campo**. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012. p. 259-267.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EdUfba, 2008. 108 p.

FERDINAND, M. **Uma ecologia decolonial: pensar a partir do mundo caribenho**. São Paulo: Ubu Editora, 2022.

FERREIRA, A. J. Teoria racial crítica e letramento racial crítico: narrativas e contranarrativas de identidade racial de professores de língua. **Revista Da Associação Brasileira De Pesquisadores/as Negros/As (ABPN)**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 14, p. 236-263. 2014. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br>. Acesso em: 20 de jan. 2023.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1970.

GONZALEZ, L. In: SILVIA, L. A. M. et al. Racismo e sexismo na cultura brasileira: Movimentos sociais urbanos, minorias étnicas e outros estudos. **Ciências Sociais Hoje**. 2. ed. Brasília: ANPOCS, 1983. p. 223-44.

GONZALEZ, L. **Por um feminismo afro-latino-americano**. Rio de Janeiro: Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2020.

MAGALHÃES, W. L. O imaginário social como um campo de disputas. **Albuquerque: revista de história**, v. 8, n. 16, p. 92-110, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/AlbRHis/article/view/2164/3058>. Acesso em: 09 fev. 2023.

MARTINS, J. C. **Vygotsky e o papel das interações sociais na sala de aula: reconhecer e desvendar o mundo**. 28. ed. São Paulo: FDE, 1997. p. 111-122.

MARACAJÁ, Maria Salomé Lopes. **Território e memória: a construção da territorialidade étnica da Comunidade Quilombola Grilo, Paraíba**. João Pessoa, 2013. Disponível em: https://www.ufpb.br/gestar/contents/documentos/publicacoes/dissertacoes/maria_salome.pdf.

MELO NETO, J. C. **Morte e vida severina e outros poemas**. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2007.

MOURA, C. **Teatro experimental do negro: trajetórias e reflexões**. In: SANTOS, J. R. Revista do patrimônio histórico e artístico nacional, n. 25, p. 71-81. 1997.

NASCIMENTO, A. **O genocídio do negro brasileiro: o processo de racismo mascarado**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1978.

NASCIMENTO, A. **O genocídio do negro brasileiro: o processo de racismo mascarado**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2017.

OLIVEIRA, W. Cidade: território e experiência do teatro em comunidade. 2016. **Dissertação (Mestrado em Artes)** - Universidade de Brasília, Planaltina, DF, 2016. Disponível em: http://www.dmu.ceart.udesc.br/arquivos/id_submenu/739/wellington_oliveira_dissertacao.pdf. Acesso em: 09 fev. 2023.

ROSA, D. R.A. Teatro experimental do negro: estratégias e ação. 2007. **Dissertação (Mestrado em Sociologia)** - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2007. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/394932>. Acesso em: 12 fev. 2023.

SANTOS, B. C. Raça, gênero e risco: uma análise dos processos de avaliação e gestão de risco de mulheres em situação de violência doméstica no Juizado de Sobradinho-Distrito Federal. 2022. **Dissertação (Mestrado em Direito)** - Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2022.

SANTOS, C. R. Teatro e questão racial: experiência em construção do coletivo Vozes do sertão lutando por transformação. 2018. **Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Educação do Campo)** - Universidade de Brasília, Planaltina, DF, 2018. Disponível em:

<https://bdm.unb.br/handle/10483/25806>. Acesso em: 02 abr. 2023.

SANTOS, K. V. G. Práticas pedagógicas de professores das salas de recursos de Altas Habilidades/ Superdotação do Distrito Federal segundo a teoria de Joseph Renzulli. 2020. **Dissertação (Mestrado Profissional em Educação)** - Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2020.

SANTOS, A. R., SILVA, G. J., OLIVEIRA, J. M. S., COELHO, L. A. Educação do campo: políticas e práticas. Ilhéus: **EDITUS**, 2020, 269 p, vol. 2. *Ebook*. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/rpy48/pdf/santos-9786586213201.pdf>. Acesso em: 08 abr. 2023.

SILVA, F. V. S.; COSTA, S. V. O Teatro do Oprimido: dimensões políticas e pedagógicas em perspectiva freiriana. **Manaus: Revista Amazônida**, Manaus, AM, v. 5, n. 1, p. 01-10. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufam.edu.br/index.php/amazonida/article/view/7156>. Acesso em 25 abr. 2023.

TURLE, L. **Teatro do oprimido e negritude**: a utilização do teatro-fórum na questão racial. Rio de Janeiro: E-Papers, 2014.